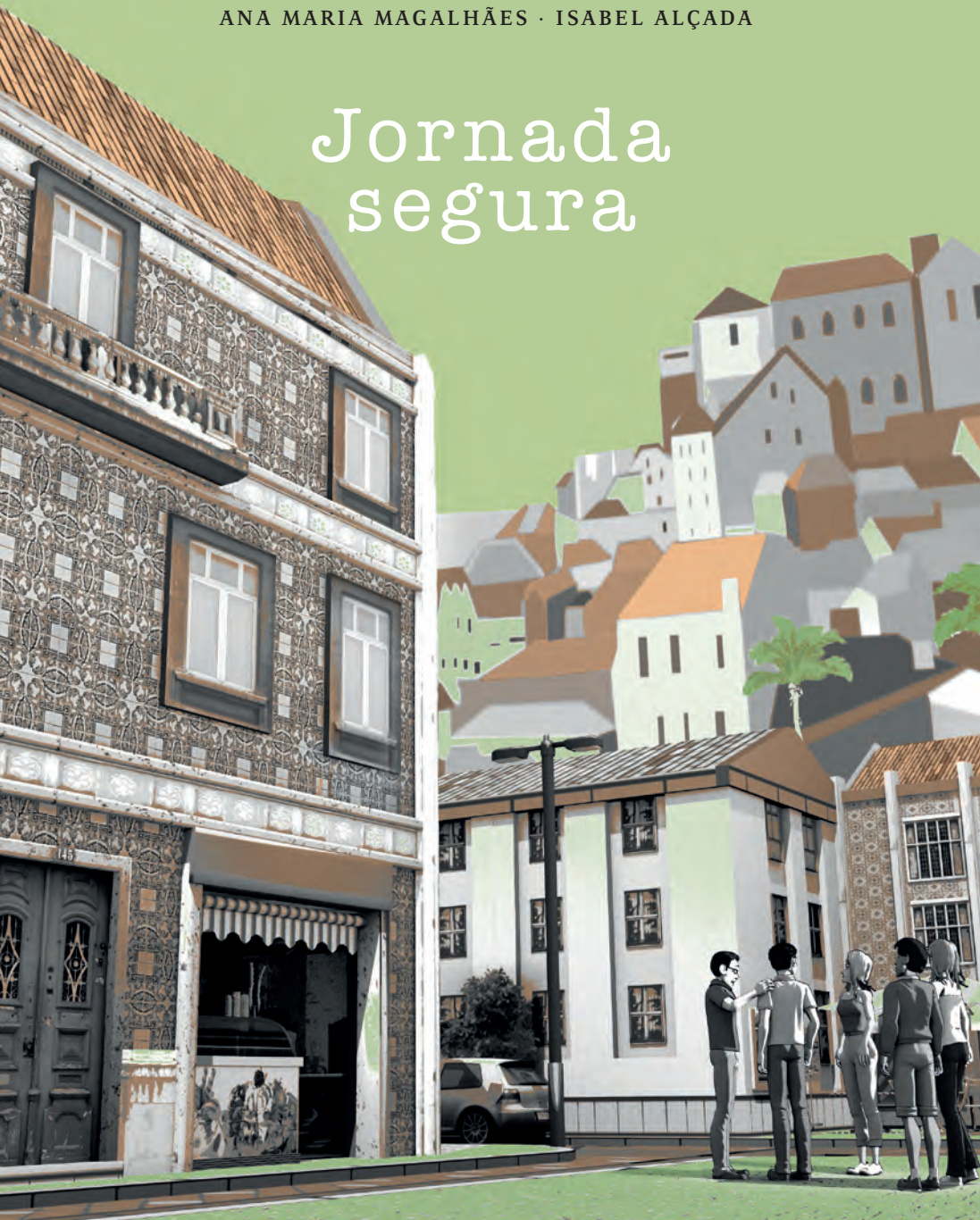


ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Jornada segura



aps ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE SEGURADORES

Título: Jornada segura
Coleção: Seguros e Cidadania
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Copyright 2022: APS2022

Edição: Associação Portuguesa de Seguradores
Ilustrações: Júlio Ramos
Conceção gráfica e paginação: TVM Designers

Impressão: Gráfica Maiadouro
Tiragem: 2000 exemplares
ISBN: 978-989-54248-4-9
Depósito Legal n.º 505046/22

1.ª edição – outubro 2022

Jornada
segura

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Jornada segura

aps ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE SEGURADORES

Capítulo 1



Meio milhão de mochilas?

As pessoas que em grupo se tornam centro das atenções são, em geral, comunicativas, contam histórias, falam alto e, com frequência, não deixam ninguém falar. Não era, no entanto, o caso de Valentim que, sem fazer nada de especial e até sem perceber porquê, se evidenciava naturalmente em toda a parte. A curiosidade quase instantânea de conhecidos e desconhecidos embaraçara-o tanto na infância que se aplicara a imaginar estratégias para passar despercebido. Em vão. No início da adolescência adquirira uma postura reservada, ainda assim, onde quer que estivesse, acabava a ter de suportar olhares insistentes e perguntas incómodas. Só mais tarde se apercebera das enormes vantagens de

ser atraente e então depressa aprendera a gerir o efeito que tinha sobre os outros, mas fazia-o de forma discreta, equilibrada, sem sombra de arrogância.

Os anos tinham passado, encontrava-se numa nova fase da vida, ocasionalmente não resistia a divertir-se com uma espécie de jogo inventado em tempos e que consistia em interrogar-se ao espelho sobre os motivos que pudessem justificar a admiração e o interesse de tanta gente na sua pessoa. Calhou fazê-lo naquela noite, enquanto se arranjava para ir jantar com uns amigos. Diante da imagem que o espelho lhe devolvia, deu início ao diálogo do costume.

— Será a boa forma física que tenho conseguido manter graças à prática de desporto? Não me parece. Porque não falta por aí quem esteja em melhor forma do que eu. Talvez tudo se explique pelo facto de possuir feições regulares e até talvez agradáveis. Mas também não me parece, pois, na verdade, não incluem nada que especialmente me recomende. Se fosse preciso autoavaliar a minha aparência numa escala de 1 a 5, decidia-me pelo 3. Claro que se a avaliação incluísse competência, o caso mudava de figura.

Chegando a este ponto, os olhos pequenos, claros e expressivos sorriam.

— Mas também não faltam por aí indivíduos com igual competência, sem o dom de gerarem as empatias que me conferem popularidade e facilitam a vida. Porquê? Vá-se lá saber. É uma sorte, há que aproveitá-la. Agora estou atrasado, convém que me despache.

O facto de ter consciência plena do seu valor proporcionava-lhe a legítima satisfação de se sentir bem consigo próprio, sem o tornar orgulhoso ou convencido. Isso realmente facilitava-lhe a vida, pois a autoestima garante não só o bem-estar pessoal como a boa relação com os outros, e muito contribui para que se seja bem-sucedido. Quanto a isso, não se podia queixar, em geral tudo lhe corria bem.

O grupo a que se ia juntar escolhera um restaurante mexicano. Para lá se dirigiu, ao volante do carro novo, aliás, velho porque fora comprado pelos pais em segunda mão para lhe darem de presente, que bem o merecia devido aos bons resultados na Faculdade de Direito.

O restaurante tinha tudo a seu favor, até parque de estacionamento. E era enorme, servia comida ótima a preços acessíveis, por isso estava na moda e sempre a abarrotar de clientes. Quando entrou, os primeiros sentidos a serem ativados foram o olfato e a audição. Pratos e travessas exalavam o cheiro forte e típico da exótica gastronomia





mexicana. A algazarra das conversas, entremeadas de risos e brindes, estava ao rubro.

Os amigos tinham optado pela mesa ao fundo da sala, foi ter com eles. Todos se mostraram contentes de o ver chegar. Só havia um lugar vago, sentou-se ao lado do Tomás, que lhe pareceu um pouco abatido, e em frente do Rafael, esse igual a si próprio, em grande animação. Depressa se integrou na onda ruidosa de conversas cruzadas. Pouco depois, conforme o habitual, duas raparigas da mesa ao lado intrometeram-se, os assuntos multiplicaram-se e fluíram até ao momento em que alguém decidiu que eram boas horas para pôr fim ao jantar. Não ao encontro, pois tinham combinado seguir para um bar à beira-rio. Valentim, que não tencionava acompanhar o grupo, viu-se obrigado a protelar o regresso a casa devido à insistência de uma das raparigas da mesa vizinha. Chamava-se Clotilde, era bonita, insinuante, atrevida e mostrava-se muito empenhada na sua companhia.

- Não podes vir connosco porquê? — e repetiu, várias vezes. — Porquê?
- Porque tenho que me levantar muito cedo.
- Ainda não é assim tão tarde.
- Pois não, mas o assunto a tratar exige que me encontre na plena posse das minhas faculdades.

- Pode saber-se que assunto é?
- Até pode. Tenho encontro marcado com o presidente de uma empresa a quem vou tentar convencer que ofereça mochilas.

Ela franziu a testa, espantada.

- Mochilas? Há mochilas baratíssimas. Vale a pena ires pedir que tas ofereçam?
- Vale — respondeu ele, com um certo sorriso enigmático que esboçava naturalmente e que, embora sem intenção, afetava as interlocutoras —, vale porque tenho de lhe pedir que ofereça quinhentas mil mochilas.
- Estás a gozar?
- Não, não estou.

O que acabava de dizer era tão inesperado que espicçara a curiosidade de todos os que se encontravam próximos, entre eles Rafael e Tomás.

- Explica-te — pediram.
- Tem lá paciência, mas tens de te explicar.

Capitulo 2



Conversas na noite

As explicações foram dadas pelo caminho, rumo ao bar, que não ficava longe do restaurante. A noite estava serena, com um toque de encantamento devido à ligeira névoa que envolvia as lâmpadas dos candeeiros da rua. Apetecia andar a pé, sem pressa e em silêncio, mas, dadas as circunstâncias, não era possível. A maior parte do grupo distanciara-se e já ia longe, para trás ficaram apenas Tomás e Rafael, decididos a satisfazer a curiosidade, e Clotilde, igualmente curiosa, mas sobretudo na esperança de impressionar Valentim, por quem se sentira fortemente atraída desde que ele lhe endereçara o primeiro sorriso.

- Para que queres tu afinal meio milhão de mochilas? — perguntou sem se preocupar que a voz revelasse uma emoção despropositada.
- Para oferecer a peregrinos.
- Em Fátima?
- Não. Em Lisboa.
- Lisboa é lugar de peregrinação?
- É. Vocês não ouviram falar das Jornadas Mundiais da Juventude?
O único a responder foi o Tomás:
- Ouvir, acho que ouvi, mas para falar com franqueza não estou por dentro do assunto.
- Diz lá do que se trata.
- Bom, as Jornadas da Juventude são, nada mais nada menos, do que o maior encontro que se realiza no mundo.
- Maior em que sentido?
- No número de participantes. Já houve quinze Jornadas...
- Em Lisboa?
- Ho!, Clotilde! Se tivesse havido quinze jornadas em Lisboa vocês estavam todos mais do que informados. Como é evidente, as anteriores foram noutros países. E reuniram muito mais gente do que os campeonatos de futebol ou os festivais de música.

- Tens a certeza? Olha que no Rock in Rio calcula-se que já estiveram duzentas mil pessoas.
- Eu sei. Só que, para a Jornada de 2023, prevê-se que venha mais de um milhão.
- Quem é que se lembrou de mobilizar tanta gente?
- O Papa!
- O Papa? Nunca pensei!
- Então pensa lá um bocadinho, que não te faz mal nenhum. O que pode querer o Papa para este mundo? Acima de tudo, paz. Para haver paz é indispensável o bom entendimento entre as pessoas. E só se entende quem se conhece, não achas?

Os outros fitavam-no perplexos e sem saber ao certo onde ele queria chegar. Valentim passou a mão pelo cabelo e pestanejou a ganhar tempo, não para os esclarecer, pois isso era fácil, mas para os cativar.

- Um encontro deste tipo aproxima pessoas que podiam perfeitamente nunca na vida se cruzarem e proporciona conversas, debates, reflexão sobre os mais diversos problemas, o que é sempre desejável, pois, sem equacionar problemas, não se encontram soluções.
- Lá isso é verdade. Mas então o encontro não devia ser só para católicos.





- E não é. Podem participar pessoas de qualquer religião, ateus, agnósticos ou indiferentes. O que é ótimo, porque assim surgem opiniões variadas, o que enriquece qualquer debate.
- Então é uma iniciativa da Igreja sem caráter religioso?
- Não, claro que há cerimónias religiosas e reuniões destinadas a debater questões de fé e a proporcionar experiências intensas de espiritualidade. Mas também há um Festival da Juventude que inclui música, teatro, desporto, etc., para promover o convívio.

«Isso já é outra coisa», pensou Clotilde, balbuciando logo de seguida:

- Que boa ideia!

Na sua mente acabavam de tomar forma alguns projetos inconfessáveis que afinal se resumiam à escolha de estratégias para saber a que espetáculos é que ele ia assistir e arranjar maneira de combinar ir também ou, se não fosse possível, de lhe aparecer de surpresa. Quanto às cerimónias religiosas, torceu o nariz. Embora batizada, há muito que se tinha afastado da igreja. No entanto, se não queria afugentá-lo, o melhor era não falar no assunto, pois bastava ouvi-lo para perceber que se tratava de um católico convicto.

«Pelo menos por enquanto, guardo segredo», decidiu.
«Depois, logo se vê.»

Já estavam perto do bar, a conversa prosseguiu com os rapazes em pé no meio da rua e Clotilde apoiada num dos candeeiros porque sabia que a luz coada pela neblina lhe punha um brilho especial nos cabelos loiros. Isso mesmo lhe tinham dito várias vezes quando, em noites idênticas, caminhara acompanhada por amigos na zona ribeirinha.

Valentim percebeu perfeitamente que se exibia, mas não fez comentários. Quem reagiu foi o Rafael.

— Estás magnífica, Clotilde!

Ela encolheu os ombros e riu-se, como quem não liga importância ao que ouve. Tomás fez sinal ao amigo, um sinal que significava: «Não te chegues, que não vale a pena, já está hipnotizada pelo Valentim.»

De si para consigo, pensava: «Que será que este tipo tem para caírem todas à primeira vista?»

Clotilde não o poderia esclarecer porque também ignorava o que a prendera, assim, de um momento para o outro, àquele indivíduo que fisicamente até podia ser classificado de vulgar.

«Há qualquer coisa nele que me deixa zozna», pensou.

Para tentar retê-lo, ainda fez mais algumas perguntas.

A certa altura, porém, teve que desistir porque ele cortou a conversa.

- Desculpem lá, tenho de ir embora.
- Espera — pediu Clotilde, agora esforçando-se por parecer descontraída. — Não te deixo sair daqui sem ficar com o teu número do telefone.
- Cuidado, Valentim — disse o Tomás na brincadeira. — Se te distraís, lança-te a rede.
- Não há rede nenhuma. Quero é saber se ele consegue ou não sacar as mochilas, porque sempre são quinhentas mil.

Valentim passou de novo a mão pelo cabelo e endereçou-lhe um olhar neutro, inexpressivo, que aprendera a compor para evitar equívocos. Depois ditou-lhe o número e fez menção de se afastar. Ela segurou-o por um braço.

- Calma. Deixa-me ligar-te para também ficares a saber o meu número. Regista aí «Clotilde».

Ele anuiu, retirou o telemóvel do bolso e fixou-se no ecrã. No verso tinha um autocolante que lhes mostrou.

- Olhem! É o logótipo das Jornadas. Sugestivo, não acham?

Acenaram que sim, ele despediu-se e regressou ao carro.

Apesar do desconsolo de Clotilde ser evidente, Rafael decidiu tentar a sorte. Pousou-lhe a mão no ombro e desafiou-a.

— Anda daí. Vamos nós beber um copo ao bar, que o Tomás, coitado, está cheio de sede.

Capítulo 3



Conversas entre amigos

No dia seguinte Rafael e Tomás acordaram tardíssimo e sem pressa de se levantarem porque era sábado e porque desde o início do ano letivo podiam organizar a vida como muito bem entendessem. Tinham ambos conseguido média para entrar no curso de enfermagem da Escola Superior de Saúde Pública de Lisboa, o que implicara a saída da casa dos pais e a instalação na capital, conforme desejavam. Rafael, que era dos Açores, viajou de avião. Ao Tomás, bastara o comboio, porque vivia em Castelo Branco.

Tinham-se conhecido através da internet quase dois anos antes, afinidades e visitas em tempo de férias cimentaram a amizade, a escolha do mesmo curso levava-os a

considerar a hipótese de partilharem casa. E não podiam ter tido mais sorte, pois à primeira tentativa conseguiram o anexo de uma moradia estupenda, com jardim, num bairro central e bem servido de transportes. A dona, Genoveva Dinis, viúva, ricaça, sem filhos e de tipo exótico, habitava sozinha o casarão. Ali recebia com frequência gente de todas as idades porque tinha imensos amigos e uma data de sobrinhos, alguns ainda solteiros, outros casados e pais de adolescentes ou de crianças pequenas.

Quer os tivesse convidado, quer aparecessem sem convite, a todos recebia de braços abertos, sem nunca se mostrar incomodada com a barafunda e a barulheira das enchentes ocasionais.

O anexo tinha sido construído no tempo do pai dela para habitação de um empregado que acumulava funções de motorista e jardineiro e era casado com a cozinheira da família. Mas estava vazio há muito tempo e a degradar-se, pelo que Genoveva resolvera mandar fazer obras, substituíra as mobílias velhas por novas, simples e práticas, e equipara a cozinha na intenção de alugar o anexo a estudantes.

Quando ficou tudo pronto, um feliz acaso determinara que fossem eles os dois os primeiros a saber que aquele

espaço apetecível se encontrava livre. E agora ali estavam, na opinião deles e dos colegas instalados como reis. A sala, com duas janelas a abrir para uma zona do jardim, onde crescia uma árvore de copa imensa, não podia ser mais acolhedora. Os quartos não eram exatamente do mesmo tamanho, mas ambos ofereciam espaço suficiente para roupa, objetos pessoais, livros e a indispensável mesa de trabalho. Na casa de banho, Genoveva ou alguém por ela, acrescentara aos azulejos brancos um painel com o desenho de um caracol pintado nas cores discretas que lhe são próprias. E bem pintado, tinha graça.

Na cozinha não faltava nada, nem a mesa para tomarem as refeições, o que lhes permitia poupar a sala, que só usavam para ver televisão, para se esparramarem nos sofás de *tablets* em punho, para conversarem e receberem amigos.

Pouco passava do meio-dia quando naquela manhã de sábado desceram dos quartos e se precipitaram para a cozinha, ansiosos por ferrarem o dente no que estivesse à mão. Torradas, sumos, leite, café desapareceu tudo a grande velocidade e ainda estiveram vai não vai para descongelar uns croquetes.

— O meu estômago parece um poço sem fundo.

- A mim o que me perturba é a cabeça. A noite de ontem deixou-me estonteado.
- É natural. Quem anda atrás das miúdas tipo roleta, sem saber em qual delas quer parar, corre o risco de perder o norte.
- Que culpa é que eu tenho que sejam todas giras?
- Nenhuma. Mas parece-me que exageraste, Rafael!
- Que ideia! Não fiz nada de especial e se me chegava a elas, elas chegavam-se a mim.
- Não digo que não.
- Só me faltou uma para a coleção. A loira Clotilde.
- Esquece, Rafael. Essa só tem olhos para o Valentim.
- Mas o Valentim olha para ela com olhos de carneiro mal morto.
- É verdade, de facto parece imune aos avanços que lhe faz. Se calhar tem uma namorada fantástica longe e não quer confusões.
- Longe, onde?
- Sei lá! Pode ser estrangeira ou estar a estudar no estrangeiro.
- Se fosse isso, achas que não dizia?
Tomás pegou na última bolacha, barrou-a com manteiga e mel, meteu-a à boca e trincou-a com gosto, antes de responder:

- Não é obrigado a fazer-nos confidências e já deu para perceber que não hesita em falar das suas múltiplas atividades. Quanto à vida pessoal, népia!
- Bom, se o caso for como pensas, que inveja! Ter uma namorada fantástica longe e andar por aí à solta, à minha vontade, era o paraíso.
- Não regulas.
- Regulo e bem — declarou Rafael, fixando-se no ecrã do telemóvel que tinha colocado em cima da mesa. — Sabes quantas mensagens já recebi das miúdas que conheci ontem?
- Vinte?
- Não exageres. Recebi quatro e, atendendo à hora, já é muito bom.
- A hora, a hora — repetiu Tomás. — Achas que a esta hora o Valentim já conseguiu o tal meio milhão de mochilas?
- Talvez. Aquele tipo tem o ar de quem consegue tudo o que quer.
- E sem espalhafato.
- Com espalhafato só se conseguem miúdas para dar uma curva. Mas por agora tenciono dar curvas é no ginásio. Alinhas?
- Alinho. Estou a precisar de fazer exercício.

O ginásio que frequentavam tinha-lhes sido recomendado pela desconcertante Genoveva que, apesar de já ter o cabelo todo branco, se mantinha enérgica e afirmativa como se fosse vinte anos mais nova. Vinte ou trinta, pois nenhum deles sabia que idade é que ela tinha. Inscrita numa aula de zumba, incentivara-os a acompanhá-la ao ginásio com bons argumentos.

- Vocês vão passar muitas horas sentados a estudar, convém que se mexam para não ficarem anquilosados. Podem escolher uma das muitas modalidades que lá se praticam ou então treinar na sala dos aparelhos.

O tom parecia não admitir réplica, acederam receosos de que afinal a simpática senhoria passasse a querer meter-se na vida deles, quisesse controlá-los. Mas não, tal como eles, prezava a sua liberdade e só dava sugestões por bem e para as aceitarem se lhes apetecesse.

O ginásio era perto, podiam ir a pé, tinham-se inscrito e passaram a frequentadores assíduos da sala de aparelhos, onde desopilavam a correr nas passadeiras, a pedalar furiosamente nas bicicletas, a fazer musculação. De todas as sessões saíam estoirados e bem-dispostos, não raro mais satisfeitos ainda se encontravam amigos e amigas com quem ir ao café mais próximo. Naquele sábado só se cruzaram com



desconhecidos, mas de saída, na esplanada depararam com a treinadora de quem mais gostavam, a Vera. Estava sentada a tomar café e que regalo para a vista. Alta, magra, ruiva e sardenta, em fato de treino e com o saco pousado no chão era a imagem perfeita da boa desportista a desfrutar uma merecida pausa. Se andassem por ali agentes de publicidade com a missão de contratar alguém para um anúncio de roupa de marca, ténis de marca ou de alimentos e bebidas adequados à recuperação física de campeões, seriam muito estúpidos se não a contratassem.

Aproximaram-se risonhos, ela saudou-os e fez a pergunta óbvia:

- Que tal foi o treino?
- Ótimo.
- Podemos sentar-nos consigo?
- Claro que sim.

Acomodaram-se, Rafael vidrado na cabeleira ruiva que sempre lhe vira apanhada na nuca e que assim, solta sobre os ombros, a transformava numa figura explosiva. Um esforço titânico impediu-o de lhe dizer piropos. Quanto ao Tomás, após a apreciação inicial, ficara a pestanejar diante da agenda que ela tinha sobre a mesa. Uma agenda com capa de cortiça onde fora impresso o logótipo de Jornada

Mundial da Juventude. Perplexo, pensou: «Será coincidência, ou estão tantas pessoas envolvidas no evento que vamos encontrá-los em toda a parte e a toda a hora?»

Vera apercebeu-se e brincou:

- Que foi, Tomás? Reconheceste o desenho?
- Ah... sim. Tencionas participar?
- Não só tenciono como já aderi. Inscrevi-me, fui aceite como voluntária e estou bem contente porque me encarregaram de uma missão que adoro.
- Ligada às atividades desportivas?
- Sim, mas não só. Faço parte da equipa que tem de assistir aos espetáculos dos artistas que se inscreveram para atuar. Hoje mesmo vou assistir a um concerto.
- Hoje? Mas falta imenso tempo para a Jornada.
- Claro que falta. As coisas não se organizam de um dia para o outro. Inscreveram-se para atuar muitos cantores, bandas, grupos de dança e de teatro, etc. Antes de serem aceites é necessário verificar se têm qualidade, se o que fazem encaixa no espírito da Jornada, se agradam ao público a que se destinam, compreendes?
- Perfeitamente. Não tinha pensado nisso, mas de facto não podem incluir broncos ou malta que seja pateada.

- Pois não. A semana passada assisti a três peças de teatro, uma delas deixou-me bastante indecisa, mas a decisão final é tomada em equipa. Hoje vamos ao tal concerto...
- Leve-nos! — pediu o Rafael num dos seus impulsos habituais, absolutamente convencido de que a resposta seria «nem pensar, não posso». Para seu grande espanto, a resposta foi outra.
- Levá-los, propriamente, não dá. Mas se vocês quiserem podem ir, porque é de graça e aberto ao público.
- Nesse caso, vamos.
- Onde é?
- Nos jardins junto à Torre de Belém, portanto, ao ar livre. Não há lugares sentados, só relva à disposição de quem se quiser sentar.
- Excelente. Lá estaremos.
- Se quiseres podemos ir buscar-te a casa.
- Não é preciso, obrigada. O chefe da equipa esteve aqui de manhã cedo e ficou de me ir buscar de carro.
- Também é treinador?
- Não, é praticamente como vocês. Talvez o conheçam, porque às vezes não tem tempo para mais nada e só faz corrida na passadeira. Chama-se Valentim Ovídeo.

Eles cruzaram um olhar divertido.

— Conhecemos, sim!

Como ela tinha que fazer, a conversa ficou por ali e eles tomaram o caminho mais curto para regressarem a casa.

— Coincidências, coincidências! — repetiu o Tomás. — Parece que o mundo é realmente muito pequeno e que a vida se desenrola em círculos concêntricos como diz a minha avó.

Rafael avançava ao lado, de cabeça baixa e olhos postos nos sapatos de ténis, sem prestar a mínima atenção ao que ouvia.

Um pouco adiante, parou em frente da montra de uma sapataria, mas continuou absorto.

— Que é que tens?

— Uma ideia. Se convidássemos a Clotilde para o concerto?

— Já percebi. Ficaste com ela atravessada.

— Mais ou menos. Sabes que não costumo desistir à primeira.

— Vai lá estar o Valentim.

— Ainda bem. Pode ser que ela desista à segunda e se vire para mim.

— Não regulas!

Capítulo 4



Conversas entre amigas

Clotilde acordou com uma ideia fixa e tinha começado a enviar mensagens à sua grande amiga Paula Serpa, única pessoa a quem contava tudo o que pensava e sentia. Desesperada por não obter resposta acabou por lhe telefonar e viu-se obrigada a pedir-lhe desculpa pois percebeu perfeitamente que a outra ainda estava a dormir. Em todo o caso, insistiu.

- Preciso mesmo de falar contigo.
- Espera um bocado, que estou ensonada.
- Então toma o pequeno-almoço, bebe café e depois liga-me. Mas não demores.

Habituada àquelas crises, àquelas urgências, Paula não estranhou. E também não se chateou porque assumira o

papel protetor de confidente e conselheira desde que a mãe de Clotilde morrera.

Melhores amigas desde muito pequenas, tinham conseguido manter a relação, apesar de viverem longe uma da outra, desde que os Serpas se tinham mudado para o Porto. Telefones e internet facilitavam a comunicação, ambas prezavam a amizade, visitavam-se quando era possível, muitas vezes passavam férias juntas e divertiam-se imenso, porque gostavam dos mesmos programas e sempre tinham aceitado as diferenças abissais de personalidade.

Paula era serena, sensata e pouco dada a excessos. Clotilde, pelo contrário, muito temperamental e impaciente, insaciável, reagia a quase tudo com tal efervescência que dava a impressão de viver à beira do abismo. Não era a primeira vez que telefonava naquela espécie de desespero, que em muitas ocasiões não se justificava. Paula resolveu tomar calmamente o pequeno-almoço antes de lhe ouvir as lamentações. Nunca se recusara a atendê-la, mas uma vez lembrara-lhe que a irmã mais velha talvez estivesse mais bem preparada para a orientar em questões delicadas.

— A Mafalda? Nem penses! Desde que a mãe morreu e com o nosso pai a viajar constantemente em serviço, caiu-lhe tudo em cima. É ela que trata da casa, e do mais que seja

preciso para nós os três e para os avós. É uma querida, não posso sobrecarregá-la com os meus problemas.

A explicação não deixara margem para insistir, continuou a ouvi-la cheia de paciência e a dar os conselhos que Clotilde pedia e raramente seguia.

«Que será que quer agora?», pensou, na esperança de que mais uma vez lhe apresentasse um caso sem importância ou precisasse apenas de desabafar indignações, pois ainda não se sentia com genica para dramas que dificilmente teriam a solução mágica e instantânea que ela almejava.

Quando retomaram o diálogo, tudo se esclareceu com uma frase bombástica.

- Estou apaixonada e desta vez é a sério! Conheci um tipo incrível, perdi a cabeça, não sei o que hei de fazer.
- O que é que queres dizer com «perdi a cabeça»?
- Não preguei olho.
- Hã?
- Não dormi nada. Pensei nele toda a noite.
- Vamos com calma, está bem? Desde quando é que isso dura?

Clotilde consultou o relógio e fez cálculos rápidos tentando acertar no momento exato em que a atração se transformara em paixão.



- Vi-o pela primeira vez ontem, num restaurante mexicano. Deviam ser nove e meia. Nem sequer estávamos no mesmo grupo, mas olhei para a mesa ao lado e fiquei petrificada porque ele, não sei, parece que tem luz própria.
- Como as estrelas, não?



- Não gozes. Depois do jantar saímos para a noite, acho que pouco passava das onze e meia quando fiquei completamente apanhada.
- Desculpa lá, mas estarás bem da cabeça?
- Estou ótima. Nunca estive tão bem. Ou, se preferes, tão mal.

- Se me permites uma opinião, pareces-me é confusa porque as coisas não acontecem assim.
- Isso é o que tu julgas. Nunca ouviste falar no amor à primeira vista?
- Que ideia romântica! Isso não existe.
- Enganas-te!

A conversa só mudou de rumo quando Clotilde declarou que teria de se esforçar muito porque ele não lhe ligara nenhuma.

- Quer dizer, falou comigo, mas também falou com as outras pessoas que estavam connosco, sempre com o ar mais natural e descontraído. Um parvo!
- Afinal é parvo?
- Não! Falei por falar, irritada, com a indiferença. No entanto, garanto-te que lhe dou a volta. Mas há um problema complicado.
- Qual?
- A religião.
- É padre?
- Não. É muito católico.
- Beato?
- Não creio. Mas deu para perceber que está muito ligado à Igreja.

Paula torceu o nariz.

- Continuo a não entender patavina. Então num jantar da malta à sexta à noite, um tipo que não é padre nem beato resolveu catequisar-te?
- Nada disso. Ele pura e simplesmente envolveu-se nos preparativos para a Jornada Mundial de Juventude. Já ouviste falar?
- Já. Desafiou-te a participar?
- Não. Mas falou com um entusiasmo e um empenhamento incríveis. E como hoje vai a uma empresa tentar convencer os donos a oferecerem meio milhão de mochilas aos peregrinos, deve ter um cargo importante.
- Se conseguir, o que tem de certeza é um poder de persuasão extraordinário.
- Nem mais. Ele até convence as pessoas sem querer. Deu-me volta ao miolo e se calhar nem sonha. Mas agora esquece o Valentim e dá-me um conselho. Estou convencida de que ele só se apaixona por uma rapariga que também seja católica.
- Se as pessoas pudessem escolher por quem é que se apaixonam, desapareceriam pelo menos quatrocentos mil problemas que afligem a humanidade.
- Não gozes.

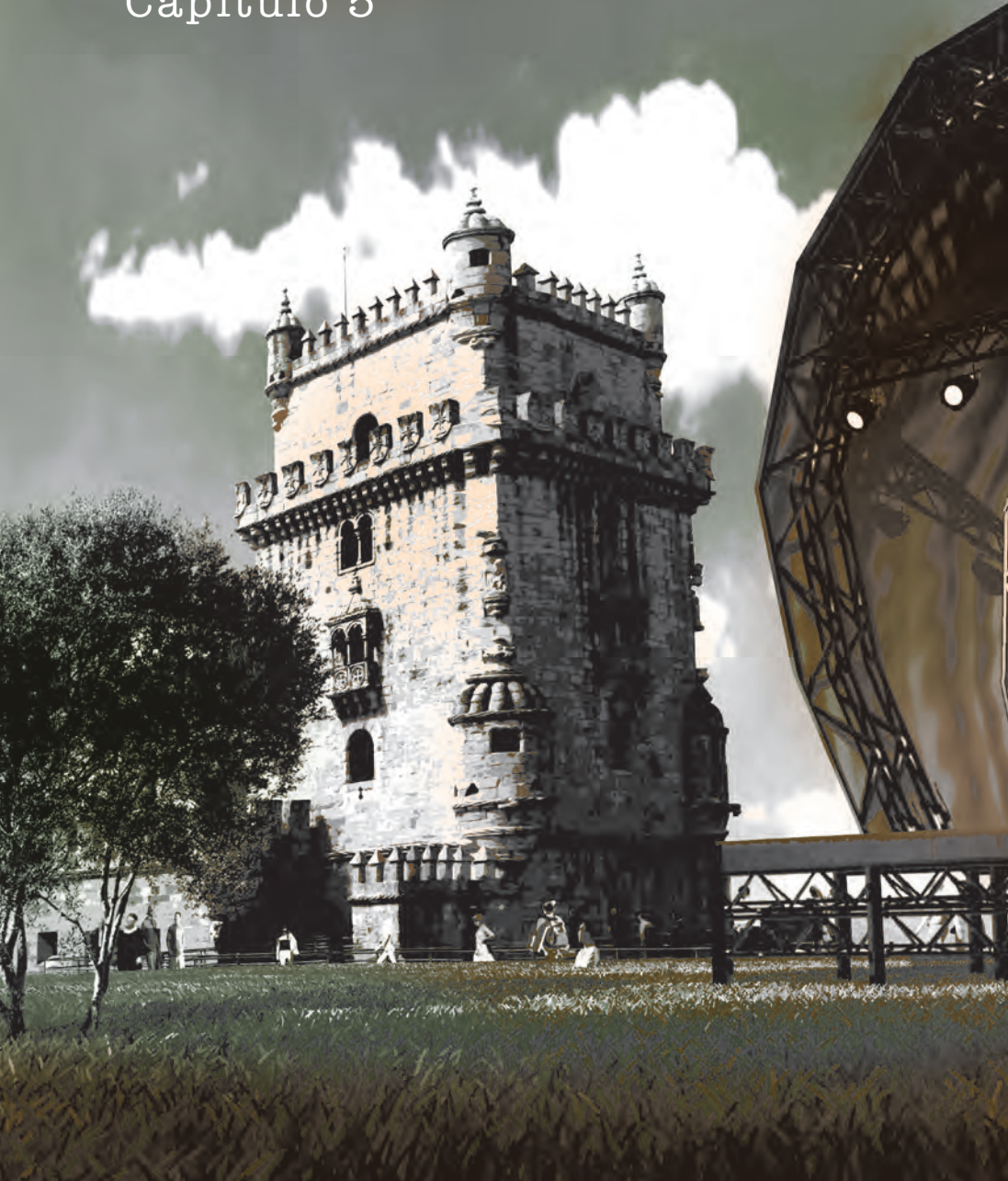
- Não estou a gozar. Ora pensa lá. Se fosse possível resolver «vou gostar deste» ou «vou gostar desta» porque é impecável, porque dá jeito, porque os pais ficam contentes, porque está livre, porque gosta de mim, porque não é casado, enfim, se a escolha fosse possível, quanta complicação se evitava por esse mundo de Cristo!
- Paula, se calhar tu é que servias para ele.
- Deixa-te de disparates!
- Está bem. Concordo com tudo o que disseste, quase ninguém consegue controlar os sentimentos, mas ele parece do género que não dá sequer uma oportunidade a quem não lhe convém por qualquer motivo. E garanto-te que para ele a religião é um motivo.
- Nesse caso...
- Nesse caso, que te parece? Finjo que sou muito católica?
- Nem pensar! Uma relação baseada em mentiras está condenada ao fracasso.
- Então dá-me uma dica que possa ser útil.
- Não sei se vale a pena, porque tu nunca ligas nenhuma ao que eu digo.
- Enganas-te. Posso não seguir à risca os teus conselhos, mas tomo-os sempre em consideração.

- Nesse caso, digo-te o que penso.
- Sê direta e sincera.
- Sou sempre. Na minha opinião, é provável que esse amor à primeira vista não passe de fogo de artifício como é costume. Já te vi de cabeça andar à roda várias vezes. Para de te atormentares e dá tempo ao tempo. Mal o conheces, podes descobrir que afinal não te interessa nada, ou pode acontecer que ele se interesse por ti. Se vires que não dá, lembra-te daquilo que já te disse mil vezes: há mais peixe no mar.
- Vou pensar nisso. Agora temos de nos despedir porque está alguém a tentar ligar-me e pode ser o Valentim.

Que desilusão! A voz que soou do outro lado era de Rafael a convidá-la para ir a um concerto. Preparava uma recusa, quando ele lhe disse.

- O Tomás e o Valentim também vão.
- Conta comigo. A que horas é?

Capítulo 5



Dois espetáculos em vez de um

No relvado junto à Torre de Belém tinham montado um palco com cobertura em concha suportada por uma estrutura onde estavam fixados os holofotes. De um lado e do outro do palco havia ecrãs gigantes encaixados em colunas que pareciam teias de metal por serem feitas com tubos. De roda do palco circulavam alguns técnicos a testar luzes e microfones tão concentrados no seu trabalho que nem olhavam em volta.

A tarde caía nos tons de vermelho e dourado com que o Sol, a desaparecer no horizonte, tingia o céu e as águas do rio. Não fazia frio nem calor, uma brisa ligeira agitava as folhas das árvores que se diria quererem participar na festa

com os seus murmúrios de aprovação. E lá estava a Torre de Belém, em pedra branca e surpreendentemente leve para o peso da história que carrega nos ombros.

As pessoas iam chegando, umas em grupo, outras em família, algumas com crianças e uma ou outra com o seu cão pela trela. Havia quem se apressasse a estender toalhas sobre a relva e a sentar-se para garantir o lugar apetecido, mas como ainda era cedo também havia quem aproveitasse para ir até à beira do Tejo ou para ir petiscar nas esplanadas mais próximas.

O bruá de vozes e de chamamentos enchiam o ar, entremeados pelos ruídos breves e fortes que provinham do sistema de som.

- Está-se bem aqui — disse o Rafael, aproximando-se da Clotilde. — Onde é que queres ficar?
- Não sei. Ainda há tempo, vamos comprar água ou sumos.

Ansiosa por ver surgir o Valentim, perscrutava o espaço, sobressaltando-se ao esbarrar em figuras que eram, ou lhe pareciam, semelhantes. E impacientava-se em silêncio.

- Nunca mais! Será que resolveu não vir?
- Os rapazes toparam e Tomás resolveu brincar.
- Estás à espera de alguém?

- Não, não. Só queria ver se aparece gente conhecida.
- E aparece mesmo. Olha quem vem ali.

Tomás apontava a zona próxima do palco onde Valentim acabava de chegar na companhia da Vera. Ao dar com os olhos na ruiva giríssima que o acompanhava, Clotilde estremeceu como se tivesse sido vítima de um choque elétrico.

- Quem é aquela? Conhecem?
- Muito bem. É treinadora no ginásio que frequentamos. Chama-se Vera.
- E...
- E também trabalha como voluntária.
- Faz parte da equipa dele. Vieram a este concerto porque têm de avaliar os artistas que se inscreveram para atuarem na Jornada.
- Nós dissemos-te, não dissemos?
- Sim, talvez, não me lembro.

Esquecera águas e sumos e avançava em direção ao par recém-chegado sem dar explicações. Tomás e Rafael seguiram-na até à zona próxima do canto direito do palco onde os outros dois permaneciam de pé, à espera que o espetáculo começasse. Vera saudou-os alegremente, Valentim sorriu, admirado, como se não esperasse vê-los ali, mas foi simpático. Clotilde procurou disfarçar a perturbação e



manteve-se firme onde estava. Desse lá por onde desse, tentava assistir ao espetáculo ao lado dele, o que ali era fácil e podia parecer natural.

— Está quase na hora — disse o Tomás para quebrar o silêncio que se estabelecera entre eles por não saberem o que dizer.

— Pois está. Já não falta muito.

O relvado quase desaparecera tal era a afluência. Quando a primeira banda subiu ao palco, as pessoas que estavam sentadas levantaram-se, aplaudiram, só pararam de bater palmas quando os músicos começaram a tocar e então quem sabia a letra entoou gostosamente as frases das canções, e quase todos de braços no ar, dançaram embalados pelo ritmo ondulante que os arrebatava.

As bandas sucederam-se e o público reagiu num entusiasmo crescente não porque as seguintes fossem melhores, mas porque o ambiente ia aquecendo e as pessoas também.

Clotilde observava disfarçadamente Valentim desde o início, escrutinando cada gesto para se certificar de que entre ele e a Vera não existia relação amorosa. E realmente nada indicava que houvesse. O que havia, e forte, era o entendimento natural entre duas pessoas que estão a trabalhar em conjunto. Atentos à música, atentos ao efeito que

a música tinha no público, segredavam comentários e cada um escrevinhava no seu bloco de notas com capa de cortiça, sem trocarem olhares intensos, sem manifestações de carinho. O que a descansou. E também irritou e a levou a pensar:

«Eu devia era ter-me inscrito como voluntária, tenho de perguntar se as inscrições ainda estão abertas, porque se estiverem... se estiverem... logo se vê», decidiu sem decidir, pois sabia que dificilmente iria parar às equipas do Valentim.

«Quantas equipas haverá? E para fazer o quê? Hei de perguntar.»

Num pequeno intervalo entre duas atuações, alguém anunciou em voz *off* o nome da banda seguinte, que logo desencadeou um coro de exclamações entusiastas.

- Pelos vistos estes têm muitos fãs — disse o Rafael.
- Não há dúvida. Mas, de uma maneira geral, tenho gostado de todos.
- Também eu, Vera. Até agora só um dos grupos me pareceu mais fraco.

Ela acenou que sim, como se soubesse exatamente a qual se referia.

- Estão a começar, são estreantes, mas não sei se não lhes devíamos dar uma oportunidade.

Valentim fez um trejeito de hesitação.

- Oportunidade, sim, mas só se aceitarem algumas sugestões.

Conversavam em semicírculo, muito próximos do canto direito do palco quando começaram a ouvir gritos e viram, estarecidos, que o ecrã suspenso do lado esquerdo balançava e não tardaria a abater-se sobre o público. A gritaria redobrou e as pessoas atropelaram-se para fugirem dali, gerou-se a maior das confusões.

- Afastem-se, afastem-se — berrou Valentim, puxando Vera por um braço.

No sítio onde estavam não corriam o risco de ser atingidos, mas era urgente desocupar o espaço para facilitar a fuga. O ruído da estrutura em queda redobrou a aflição, muita gente entrou em pânico o que é sempre perigosíssimo nestas situações. Já havia uma clareira no lugar mais perigoso, mas algumas pessoas ainda não tinham conseguido escapar, e gritavam a plenos pulmões, ou chamavam pelos acompanhantes em altos berros. A massa humana em fuga espavorida era impressionante, no palco tinham surgido vários indivíduos esgazeados de pavor, mas nada nem ninguém pôde impedir que o ecrã e a estrutura se abatessem com estrondo no relvado em frente, por sorte já deserto.

Em simultâneo, faíscas desencontradas e uma série de assobios sibilantes remataram o desastre com um apagão em todo o recinto. Nessa altura os gritos foram sobretudo de medo, mas também se ouviram queixumes de pessoas que deviam estar feridas. Na precipitação da fuga, teria havido espezinhamentos? Pouco depois já ressoavam sirenes de ambulâncias que invadiram a zona com as suas luzes inconfundíveis. Muita gente tinha ido embora, mas muita gente se tinha deixado ficar e permanecia estática, sem reação, ou curiosa e apostada em assistir até ao fim àquele segundo espetáculo que não constava do programa.

Clotilde ficara lívida e parecia tão afetada que Rafael aproveitou para lhe passar o braço à volta dos ombros.

— Calma, calma! Foi horrível, mas está tudo bem.

O calor humano é sempre agradável e atenções carinhosas também. A atitude dele reconfortou-a e por momentos esqueceu a sua obsessão pelo Valentim, que naquele momento comentava com a Vera e com o Tomás a inexistência de feridos graves. Tinha ido verificar e trouxera boas notícias.

— Houve uma rapariga que desmaiou e já a levaram para o hospital, mas talvez seja só isso. E houve mais pessoas que torceram pés e se magoaram, e também já foram levadas para tratamento. Dentro do mal, o menos.

- Podia ter sido uma tragédia. Que é que terá acontecido?
- Isso só devemos vir a saber amanhã porque a empresa que montou os equipamentos vai ter de se explicar.

Clotilde contemplou-o de soslaio, magoada com a total e absoluta indiferença a seu respeito. Nem uma pergunta lhe fizera, apesar de ser evidente que tinha ficado assustadíssima, nem uma palavra de encorajamento, nem um simples olhar de preocupação. Rafael, pelo contrário, abraçara-a de imediato, mantinha o braço em volta dos ombros dela, de vez em quando aconchegava-a com tanta ternura, que ela se sentiu grata e correspondeu, abraçando-o também pela cintura. Ele então olhara-a com um sorriso em que se misturavam pura simpatia e insinuação descarada. O que a consolou da insuportável frieza do Valentim, que a maior parte do tempo nem reparara nela. E começou a pensar que talvez tivesse embalado numa fantasia descabida.

- Se o Valentim é atraente não sei ao certo porquê, este Rafael tem uns olhos de cair para o lado! Como é que eu não reparei?

De novo o fitou, de novo se encantou com os olhos verdes de longas pestanas, longas e encaracoladas, que lhe embelezavam a face.

«A Paula tem razão», pensou, «há mais peixe no mar. Não vale a pena torturar-me por quem nem se deve lembrar de que eu existo.»

Não sabia, no entanto, se seria realmente capaz de passar a esquecer de um momento para o outro o entusiasmo feroz que a arrebatara desde a véspera.

— Desta vez vou seguir o conselho da Paula e dar tempo ao tempo.

Entretanto, Rafael acotovelou Tomás para lhe chamar a atenção. Ele riu à socapa, coçou o queixo para disfarçar e murmurou:

— Parece que vocês estão bem um para o outro. — Mas não ficou com a certeza de ter conseguido fazer-se ouvir.

Os outros continuavam a comentar o sucedido e o diálogo voltara ao princípio.

— É mesmo indispensável averiguarmos qual foi a empresa que montou este palco para não cairmos na asneira de a contratar para o Festival da Juventude.

— Claro, Vera! Nestas coisas todo o cuidado é pouco. Mas não tarda que se saiba. Amanhã vão-se multiplicar as informações e as críticas nas redes sociais, nos jornais, na rádio, na televisão e tudo se esclarece.

- Podem crer. Mas como é só amanhã, que tal irmos hoje beber um copo? — propôs o Rafael. — Fiquei com a garganta seca e uma impressão no estômago.
- Boa ideia. Também me apetece.
- Vocês vêm?

Todos acenaram que sim e encaminharam-se para o lugar onde pensavam poder encontrar cafés ou bares abertos para se sentarem, comerem, beberem, recomporem do abalo que tanto os perturbara.

Capítulo 6



Conversas sérias

Conforme seria de prever, mal se instalaram à mesa do café, a conversa resvalou para os problemas de segurança que é preciso acautelar em todos os eventos públicos, quer envolvam pouca ou muita gente.

Vera confessou que, na verdade, nunca tinha pensado na coragem que é necessária para organizar seja o que for que se destine a multidões.

- Já fui a muitos concertos, já assisti a tantos campeonatos em ginásios e estádios a abarrotar de malta e, para falar com franqueza, nunca me passou pela cabeça que podia haver um acidente.

- Em geral as pessoas nem se lembram disso, mas quem organiza tem que prever tudo e mais alguma coisa e preparar soluções — disse o Valentim.
- Que tipo de soluções? — perguntou Clotilde.
- Varia com a dimensão e com outros fatores. Mas para grandes eventos há regras de proteção civil e é obrigatório por lei fazer uma data de seguros para cobrir possíveis acidentes.
- Como por exemplo?
- Como por exemplo aquele a que acabámos de assistir. A estrutura que suportava o ecrã ficou danificada e rebentou com o sistema elétrico, o que representa um grande prejuízo. É preciso ter seguro para cobrir a perda. E depois há os empregados e os artistas que podem ficar feridos e os espetadores, que também podem ficar feridos, como foi o caso, ou até perder a vida o que implica indemnizações à família. São verbas brutais, que os organizadores geralmente não têm. Por isso é que são obrigados a fazer o contrato de seguro apropriado.
- E o seguro paga tudo?
- Ou tudo ou uma grande parte, conforme o contrato. Para a JMJ já contactei várias seguradoras, fui bem recebido, mas não há decisões definitivas.



— A propósito, Valentim, sempre conseguiste as quinhentas mil mochilas?

Ele abriu-se num sorriso radioso.

— Acho que sim, porque a proposta que apresentámos agradou ao diretor da empresa com quem estivemos. Só nos dão a resposta depois da próxima reunião da administração, mas saímos de lá otimistas.

— Quer dizer que não foste só tu a tratar do assunto?

— Estes assuntos tratam-se em equipa. Para tentar obter as mochilas, fomos dois. Eu e um padre responsável por este setor.

— E às seguradoras, quantos vão?

— Vamos os mesmos. Já estivemos em quatro e ainda temos de fazer mais contactos.

Na cabeça da Clotilde começou a formar-se um plano que podia ajudá-la a esclarecer com qual dos dois rapazes gostaria realmente de ficar. Valentim ou Rafael? Rafael ou Valentim? Para tirar isso a limpo era indispensável prolongar o convívio e acabava de lhe cair no colo um pretexto excelente. Debruçada sobre a mesa, arriscou.

— A minha irmã está a trabalhar numa das maiores seguradoras do país.

— Em qual?

Quando lhes disse o nome, Valentim exultou.

- É uma das que faz parte da lista que me falta e ainda não consegui visitar.
- A Mafalda foi substituir a secretária de administração que está de licença de parto. Tem gostado imenso do trabalho e dá-se bem com toda a gente. Talvez possa facilitar a marcação de uma entrevista.
- Isso era ótimo.

Chegara o momento de pôr em prática o plano acabado de gizar.

- Amanhã é domingo, almoçamos em casa só as duas porque o meu pai está em viagem. Se quiserem venham lá tomar café e falam com ela.
- Eu não posso — disse a Vera. — Tenho um compromisso.
- Mas posso eu. Diz onde moras e eu vou lá ter por volta das três...
- Excelente.
- Também podemos ir? — perguntou o Rafael.
- O convite foi para todos.
- Conta connosco.
- Não, Rafael. Conta só contigo que eu tenho de estudar.
- Fazes bem. Porque ultimamente não te vejo pegar num livro.

Tomás encolheu os ombros e levantou-se.

— Acho que vou andando.

Quando alguém dá sinal da partida, geralmente segue-se a debandada e foi isso que aconteceu. Despediram-se e tencionavam tomar caminhos diferentes, mas como Valentim tinha carro, propôs dar boleia a todos.

— Não te importas de andar por aí às voltas?

— Não. A esta hora não há trânsito, o circuito faz-se depressa. Conheço mal o bairro da Clotilde, fico a saber qual é a rua onde mora.

O carro não era propriamente espaçoso. Vera sentou-se à frente, Clotilde encaixou-se atrás e não lhe desagradou viajar encostada ao braço do Rafael, que também se mostrava satisfeito com a proximidade.

Quanto ao Tomás não abriu a boca todo o caminho, parecia absorto.

Quando chegaram a casa, Rafael, em vez de falar da sua possível conquista, perguntou-lhe o que tinha.

— Nada.

— Ora aí está o que diz quem tem alguma coisa. Deixa-te de mistérios inúteis e abre o saco.

Metera a chave à porta, acendeu a luz, empurrou Tomás para a sala e obrigou-o a sentar-se.

— Andas esquisito, diz-me porquê. Talvez eu possa ajudar.

Tomás encolheu os ombros e sentou-se no sofá azul que se tornara o seu poiso habitual. Através da janela via a copa da árvore que dava sombra ao jardim. Não havia vento, não soprava sequer uma aragem que agitasse os ramos, ainda que ao de leve.

— Está tão parada como eu — exclamou sem querer em voz alta.

— Quem?

— A árvore.

Rafael impacientou-se. Escarranchara-se numa cadeira, de frente para o amigo e insistiu.

— Vais abrir o bico e não sais daqui enquanto não me disseres o que te está a moer.

— É o curso. Não sei se escolhi bem, se calhar enganei-me.

— Como é que podes pensar uma coisa dessas? Esforçaste-te ao máximo para ter média, ficaste eufórico quando soubeste que tinhas entrado para enfermagem e agora não sabes se queres?

— Pois não. O curso é trabalhoso e...

— E tu és perfeitamente capaz de o fazer.

— Não digo que não. O problema é que não sei se esse é o trabalho que me interessa para a vida toda.

- Não será uma profissão fácil, mas é fantástica, intensa. Quando se está a trabalhar é a cem por cento e tudo o que se faz importa para os doentes, para as famílias e para nós próprios. Já pensaste na alegria que se sente ao ver que uma pessoa se curou ou ficou sem dores porque tratámos dela? Já pensaste na alegria extraordinária que é salvar vidas humanas?
- Já pensei nisso tudo e não vim ao engano. Fui escuteiro, fiz um curso de primeiros socorros e delirava se nos acampamentos alguém precisasse dos meus serviços. Por isso é que escolhi enfermagem, mas agora estou na dúvida.
- Ho!, Tomás, se calhar tu estás é cansado.
- Isso de certeza.
- Uma pessoa exausta não toma boas decisões. Aguenta, leva o ano até ao fim, vê se passas em todas as cadeiras e depois, no verão, com calma, logo pensas, logo resolves se mudas de curso ou se continuas. Há muita gente que desanima, atira com tudo ao ar, desliga-se e depois bate com a cabeça nas paredes porque fez asneira.
- Tens razão. Vou dormir e amanhã penso no teste que se aproxima.
- Só amanhã, porque se não estás preparado para o teste é isso que te está a massacrar e a provocar insónias.

- Como é que sabes que tenho tido insónias?
- Pelo aspeto. Pela cara. Lembra-te de que estou a cursar enfermagem.

Pouco depois, enquanto lavava os dentes em frente ao espelho, recordou o que Rafael acabara de dizer. E arreganhou os lábios numa espécie de sorriso espumoso, pois tinha a boca cheia de pasta branca. Encolheu os ombros e abanou a cabeça, tentando pela enésima vez compreender as características de personalidade do amigo, que sempre lhe tinham feito confusão. Porque emocionalmente era acriançado, inconstante, inconsequente, dado a paixões súbitas, sucessivas e disparatadas, sem atinar no que queria, pouco se importando de espalhar ilusões e de fazer sofrer as vítimas. Intelectualmente, pelo contrário, amadurecera cedo, era equilibrado, capaz de se orientar com sensatez e de dar conselhos de adulto, como acabara de fazer.

«As pessoas, de facto, não são monolíticas. Ele, pelo menos, não encaixa nessa classificação. E é um tipo impecável.» Já deitado, concluiu: «Impecável comigo. Vamos lá a ver como se comporta com a Clotilde.»

Capitulo 7



P
RESERVAÇÃO A
CONDOMÍNIOS

145

Duas irmãs muito diferentes

O apartamento onde morava a Clotilde era o quarto andar de um prédio antigo sem elevador. Subir a escada exigiu um esforço suplementar. A porta abria diretamente para a sala, uma sala ampla, com janelas rasgadas e vista sobre pequenos jardins que havia nas traseiras, alguns ao abandono, outros com flores e um transformado em campo de jogos com balizas e cesto para basquete. Clotilde acolheu-os muito risonha.

- Sentem-se, que eu vou chamar a Mafalda e trazer cafés. Querem normais? Com açúcar?
- O meu é cheio.
- Eu prefiro normal e ponho açúcar.

Afinal quem trouxe a bandeja foi a Mafalda, que era muito diferente da irmã. Mais alta, magríssima, de cabelo preto e olhos pretos, ainda por cima vestida de cinzento, como se quisesse apagar-se, nada tinha em comum com a



loira Clotilde, de olhos azuis faiscantes e indumentária cuidadosamente escolhida para dar nas vistas.

«Assim de calções ainda é mais gira», pensou Rafael.
«Não posso deixar que me escape.»



Ao lado dela, Mafalda podia passar por desenxabida, mas não. A maneira de se sentar, de falar e até a maneira de respirar era marcante. Sem ser bonita, tinha presença, categoria e inspirava admiração. Valentim, que não apreciava raparigas de estilo espalhafatoso, simpatizou logo com ela e foi um prazer passar da breve troca de palavras inicial, para uma conversa mais completa. A voz cativava, os modos também e os comentários que lhe ouviu sobre o assunto que ali o levava agradaram-lhe por serem próprios de quem pensa, de quem não diz banalidades. Dispusera-se a ajudá-lo, mas apressou-se a informar que não tinha qualquer poder para marcar entrevistas. Podia, no entanto, sensibilizar o administrador com quem trabalhava.

- É uma pessoa muito aberta, fácil de lidar, estou convencida de que vos recebe sem problema nenhum. Quanto aos resultados não garanto porque a dimensão da Jornada é avassaladora. Com multidões a circular de um lado para o outro, o risco é tremendo e pode haver acidentes graves.
- Pode, sim. Mas há que considerar o historial. Já houve quinze Jornadas e não aconteceu nada de mal. Na de Madrid, onde eu estive, participaram dois milhões de pessoas e correu tudo sem novidade.

- A sério?
- Seriíssimo. Tanto em Espanha como nos outros países só se registaram insolações, porque nunca faltam os teimosos que não se protegem. Gastroenterites porque também nunca falta quem exagere à mesa ou quem reaja mal aos petiscos que nunca provou. E houve casos de pessoas que torceram pés e outros pequenos incidentes, em que o seguro foi muito útil, felizmente nada de verdadeiramente dramático.
- Não sabia. E como lá na empresa li um relatório sobre o risco na gestão de multidões, fiquei estarecida com os dados que recolhi.
- Por exemplo?
- Por exemplo, a força das muitas pessoas em pé a empurrarem-se umas às outras equivale a um peso de quatrocentos e cinquenta quilos. Se um indivíduo estiver encostado a uma barreira de metal ou a um muro pode ficar esmagado se a multidão se movimentar contra ele. E o mesmo acontece se cair ao chão e lhe passarem por cima. Nenhum corpo humano aguenta com um peso tão grande.

Falava baixo, não esbracejava, não se evidenciava, mas estavam todos a ouvi-la em silêncio e muito interessados no que ela dizia.

- Também li no relatório que se não houver bom planejamento do espaço e de repente ficarem mais de sete pessoas a comprimirem-se num metro quadrado é o suficiente para que haja quem fique com os pés no ar e seja transportado pelos outros sem poder sair dali. Se tiver o azar de cair, arrisca-se a ser espezinhado, o que é gravíssimo.
- Parece-me que vou passar a pensar duas vezes antes de ir a certo tipo de eventos — disse o Rafael.
- Não exageres — atalhou o Valentim. — Quem organiza eventos para muita gente tem forçosamente de ter isso em consideração. Nas aglomerações espontâneas é que às vezes as coisas correm mal. Até manifestações e festas populares têm sempre que ser da responsabilidade de uma entidade que apresente os planos e peça autorização.
- Aqui há tempos houve uma manifestação de professores na Avenida da Liberdade. Tiveram que tratar disso tudo?
- Claro.
- E quem tratou?
- O sindicato dos professores. Para a Jornada, trata o COL, ou seja, o Comité Organizador Local que a Igreja criou para o efeito.

- Mas é mais complicado, porque envolve muito mais gente.
- Sem dúvida. O trabalho é gigantesco. É preciso pensar nos acessos aos locais escolhidos, pois não pode entrar e sair toda a gente pelo mesmo sítio. E também é preciso organizar o espaço com divisórias, para as pessoas saberem para onde se devem dirigir e ficarem num lugar seguro, sem concentração excessiva. Prever corredores para que a circulação se possa fazer sem risco e que permitam evacuação de emergência se necessário, enfim uma trabalhadeira.
- Realmente, nunca pensei.
- E há mais.
- O quê?
- Os seguros. Tal como para os concertos é obrigatório fazer seguros, neste caso para acautelar o que possa acontecer aos funcionários, aos voluntários, aos artistas que vão atuar, aos peregrinos, afinal a todos os participantes. Como é imensa gente, os custos são elevados. Mas tenho esperança de que uma das seguradoras queira patrocinar a Jornada e faça um desconto.

Mafalda virou-se para ele e não foi só a irmã a reparar que os olhos pretos tinham aveludado.

«Só me faltava que achasse graça ao Valentim. Que eu saiba, nunca se apaixonou por ninguém, vai agora disputar-me este?», pensou furiosa.

A expressão do Valentim indiciava que, se houvesse disputa, talvez a balança se inclinasse para o lado da Mafalda. Ou aquela postura atenta significaria apenas interesse pela possível reunião na seguradora?

Enquanto observava ora um, ora outro, a sua mente foi invadida por uma espécie de filme constituído por cenas protagonizadas pela irmã. Mafalda a cozinhar. Mafalda ao telefone porque o pai pedira para arranjam um dentista que o atendesse logo que regressasse da viagem. Mafalda a ir à tinturaria. Mafalda a correr de casa para o trabalho e do trabalho para casa, sem grande tempo para sair com amigos, para se divertir. Exausta, com uma vida de pessoa mais velha, de mãe de família, que não era.

Enternecida, sentiu a fúria a abrandar e tentou convencer-se a tomar uma decisão certa.

«Se gostarem um do outro, deixo-lhes o campo livre. Ela merece. E o Rafael não é peça que se deite fora. Realmente a Paula conhece-me melhor do que me conheço a mim própria.»

Uma olhadela de esguelha confirmou-lhe as suspeitas. Valentim e Mafalda agora falavam como se não estivesse mais ninguém na sala. E ele, sempre tão atarefado, não fazia menção de se ir embora.

«É incrível», pensou. «A vida dá cada volta!»

Rafael também dava mostras de pretender eternizar-se lá em casa. E de facto a reunião prolongou-se tanto que, ao fim da tarde, Mafalda perguntou aos visitantes se queriam jantar com elas. Aceitaram e divertiram-se na cozinha a fazer omeletas, mas Clotilde ainda não se sentia firme na decisão que iria tomar. Era quase meia-noite quando os rapazes se despediram. Antes de sair, Valentim perguntou à Mafalda:

- Quando te parece que posso ser recebido?
- Não sei, mas prometo que amanhã falo com o Dr. Sabiano Lopes. Ele é simpático, tenho a certeza de que te atende logo que puder.

Capítulo 8



Há dias de sorte!

A roda às vezes desanda e tudo corre mal, mas também acontece embalar numa onda positiva e então a pessoa acredita que tudo lhe correrá bem. Era esse o estado de espírito de Valentim no dia em que fora convocado para a reunião com o Dr. Sabiniano Lopes, porque recebera um e-mail a anunciar que o pedido para oferta de meio milhão de mochilas tinha sido aceite e a propor uma data para se acertarem pormenores.

Felicíssimo, apressara-se a informar os parceiros, que também exultaram.

«Um dia que começa assim, anima qualquer um», pensou, certo de que seria bem recebido na seguradora e que

com jeito havia de obter um desconto para os seguros indispensáveis à Jornada.

«O problema é que são vários e se tivermos que pagar a totalidade é uma fortuna. Mas enfim, vamos ver.»

Dez minutos antes da hora marcada já estava à porta dos escritórios da seguradora. Dirigiu-se à rececionista para dizer quem era e quem o esperava para uma reunião. Ela perguntou pelo telefone interno se o vinham buscar ou se mandava subir e fez-lhe sinal para que esperasse. Pouco depois apareceu a Mafalda. Saudou-o à sua maneira discreta, mas a expressão era francamente acolhedora.

— Vens só tu?

— Sim, venho. O padre que me acompanha teve um impedimento, mas não quis desmarcar, disse-me que apresentasse o projeto e que depois numa segunda reunião viríamos os dois.

— Está bem. Vamos subir.

Tomaram o elevador até ao quinto andar onde ela o introduziu numa sala de reuniões.

— Só um momento, que os administradores vêm já.

Fechou a porta de mansinho e ele ficou em pé, a observar o que o rodeava.

O ambiente ali era de molde a agradar a qualquer um.

Paredes pintadas de branco, luz natural, sobriedade. Pelas janelas avistavam-se as fachadas de prédios de outra época, com o seu estilo próprio e todos muito bem conservados. A mobília resumia-se a uma mesa retangular de madeira envernizada, com cadeiras estofadas à volta. Na parede do fundo havia uma estante baixa com livros e peças alusivas a seguros. Na parede oposta, um ecrã certamente para ser utilizado em apresentações, tudo muito simples e de bom gosto.

«Trabalhar aqui deve ser bem agradável», pensou e repensou depois, quando o Dr. Sabiniano entrou, porque era o tipo de pessoa que transmite serenidade e inspira confiança. Alto, moreno, de cabelo liso, olhos escuros e expressão pacífica, usava um bigode que lhe conferia o aspeto habitualmente escolhido para as personagens que encarnam «o bom da fita» nos filmes policiais.

Acompanhava-o uma bonita senhora de modos delicados, sorriso ameno e óculos sem aros, que transpirava competência.

Convidaram-no a sentar-se, sentaram-se também e a conversa iniciou-se sem dificuldade de maior. Valentim expôs o que ali o trouxera, e que para eles não foi novidade porque a Mafalda lhes transmitira previamente o que

ele pretendia e tanto o doutor Sabiniano como a acompanhante, tinham obtido informações sobre a Jornada antes de o receberem. Quiseram, no entanto, pedir pormenores e esclarecer algumas questões menos claras. O diálogo fluiu com naturalidade e gerou-se uma atmosfera de empatia que levou Valentim a concluir: «Isto está bem encaminhado.» Mas como nunca tomava as coisas por certas antes do tempo, refreou o otimismo.

— Bom — disse por fim o Dr. Sabiniano —, o que complica este caso é o facto de não ser possível calcular o número certo de participantes. Mas, considerando os antecedentes, o problema atenua-se, pois nas quinze jornadas anteriores nunca aconteceu nada de especialmente grave. O que é extraordinário e evidencia não só o rigoroso cuidado que, pelos vistos, presidiu à preparação das diversas atividades, mas também a qualidade das pessoas que marcam presença nas iniciativas deste género. A acompanhante anuiu, Valentim fez um trejeito de concordância.

— Ainda assim, é preciso pensar que são necessários pelo menos quatro seguros obrigatórios. O de responsabilidade civil, que abrange todos os participantes; o de acidentes de trabalho, para os funcionários; o seguro



de voluntários e o de responsabilidade civil automóvel, porque com certeza vão utilizar automóveis.

— Sim, sim.

— Seria aconselhável incluirmos o seguro multirrisco porque cobre grande variedade de possíveis ocorrências.

Valentim fixou-se na palavra «incluirmos». Seria um tique de linguagem, ou o Dr. Sabiniano já tomara mais decisões do que revelava?

— Oxalá! Oxalá!

Não ficou a saber se assim era porque a única coisa que lhe disseram de concreto foi que iam analisar o pedido e o mais tardar dentro de uma semana dariam uma resposta. Para não sair dali de mãos a abanar, atreveu-se e perguntou:

— Encaram a hipótese de patrocinarem o evento fazendo um bom desconto?

Os interlocutores cruzaram um olhar compreensivo e ergueram-se.

— Talvez, sim. Para a semana falamos.

De saída, Valentim verificou que a reunião se prolongara e eram já horas de almoço. Mafalda certamente tinha um intervalo, resolveu ligar-lhe e desafiá-la para irem a uma nova pizzaria que abrira ali perto. Ela não hesitou.

— Vou já descer!

A voz dela empolgava-o e a figura também, pois quando lhe apareceu de novo pela frente no átrio de aço e vidro tudo rebrilhou. Só que, como nunca fora de se precipitar, manteve uma certa neutralidade.

- Que tal? Correu bem?
- Parece-me que sim. Não prometeram nada, mas a atitude e a postura pareceram-me promissoras. Ficaram de dar uma resposta para a semana. Tenho esperança de que seja positiva.

A pizzeria certamente pertencia a uma cadeia de restaurantes italianos, pois a decoração assemelhava-se a muitas das que conheciam. Ou talvez os donos se tivessem limitado a apostar nos modelos mais frequentes por pensarem ser o que a clientela apreciaria. E clientela não faltava, mas encontraram mesa para dois a um canto, onde se instalaram. Ao consultarem o menu descobriram de imediato mais afinidades, pois, sem terem combinado, decidiram-se pela mesma pizza.

«Como lhe dão a resposta para a semana, vou tornar a vê-lo na semana que vem», pensava ela.

«Tenho de arranjar maneira de a ver antes da próxima reunião», pensava ele.

Mas nada disseram sobre esses projetos, porque nem um nem outro gostavam de obedecer a impulsos.

A black and white photograph of a man and a woman standing on a rooftop at night. They are both looking towards the left side of the frame. The woman is in the foreground, wearing a dark, sleeveless top and dark pants. The man is standing slightly behind her to the right, wearing a dark t-shirt and dark pants. They are looking out over a city at night, with lights from buildings visible in the distance. A large, bright moon is visible in the upper left corner of the sky, which is filled with stars. The overall mood is romantic and contemplative.

Capítulo 9

Uma noite propícia

Embora fossem ponderados, depois daquele almoço não puderam deixar de reconhecer que a relação entre eles não se limitava à simples amizade. Os encontros sucederam-se, a pouco e pouco Mafalda foi despertando da letargia que a sufocava. Condicionada pelas obrigações familiares, que assumira de forma radical desde a morte da mãe, perdera o hábito de pensar em si, de conviver, de se divertir. A companhia de Valentim ajudou-a a tomar consciência de que podia perfeitamente trabalhar e ocupar-se da casa, do pai e da irmã, sem prescindir de vida própria. Tinha era que organizar o tempo de outra maneira e partilhar as tarefas domésticas que realizava sozinha. O pai de bom grado

ajudaria sempre que pudesse. Clotilde talvez se mostrasse menos disponível, mas nada a impedia de arregaçar as mangas e colaborar. Quer lhe apetecesse, quer não, teria de o fazer.

Valentim, que após o rompimento doloroso de uma relação anterior, dois anos antes, decidira não voltar a comprometer-se sem ter a certeza de que valia a pena, concluiu ter encontrado finalmente a alma gémea que procurava e mergulhou num estado de felicidade intensa, mas inquieta, e por vezes enervante. Pensava em Mafalda a toda a hora, ia buscá-la ao trabalho, convidava-a constantemente e nem um nem outro se cansava de estarem juntos. Se iam jantar fora, eram os últimos a sair do restaurante. Se iam ao cinema, ficavam depois à conversa e nunca lhes faltava assunto. No entanto, o romance propriamente dito só explodiu quando o Dr. Sabiniano o chamou a ele e ao padre Zé António para lhes comunicar que a seguradora decidira dar um apoio significativo à Jornada Mundial da Juventude.

- Falta ajustar alguns pormenores, mas já está decidido e é com muito gosto que patrocinamos esta iniciativa tão especial. Com muito gosto — repetiu o Dr. Sabiniano.
- Podem ir dar a boa notícia, porque o assunto ficou arrumado — acrescentou a simpática companheira —,



até ao fim de semana acertamos convosco os procedimentos administrativos.

A alegria emudecera-os por breves instantes, mas logo agradeceram e depressa se despediram, o padre em ânsias para comunicar a boa-nova aos colegas e ele em ânsias por ir festejar a notícia com a Mafalda. Pegou no telemóvel e propôs um almoço juntos, que não foi possível porque ela nesse dia tinha uma reunião que a impedia de sair. Desolado, propôs-se então ir buscá-la para jantarem. O que afinal até foi melhor, por ser a noite mais propícia a conversas íntimas e aproximações amorosas. E se estava numa noite propícia!

Espereou-a num frenesim, mal ela entrou no carro deu-lhe a boa-nova, depois abraçou-a e cobriu-a finalmente de beijos sôfregos, que foram recebidos e retribuídos com igual euforia.

- Deste-me sorte, tu dás sorte!
- Em quê?
- Em tudo. Foi uma sorte conhecer-te. É uma sorte que estejas comigo. E é a ti que devo a entrevista. Ajudaste-me e muito, não sei como te agradecer.
- Não agradeças que não fiz nada, nem estava na minha mão resolver fosse o que fosse. Tu é que deves ter apresentado muito bem o projeto!

Elogiavam-se mutuamente sem se largarem e rendidos à evidência: estavam apaixonados. Como bem sabia Clotilde que desde o princípio adivinhara aquele desfecho e até tinha feito planos para lhes deixar campo livre, mas de boas intenções está o inferno cheio. Ver a irmã arranjar-se, mudar de penteado, escolher roupa nova, ter o cuidado de aumentar as pestanas com rímel de ótima qualidade, enervava-a. Quando ela saía toda contente para ir ter com o Valentim, bem se esforçava por desligar, mas, à medida que as horas iam passando, o ciúme invadia-a, a acidez do ciúme tolhia-lhe o raciocínio. Enraivecida, imaginava cenas de paixão entre os dois numa fúria galopante de que resultavam amuos e respostas tortas aos pedidos da irmã. Recusava colaborar nas tarefas caseiras, tomava atitudes disparatadas. Mafalda, que ignorava a obsessão da irmã pelo Valentim, interpretava aquelas reações como revolta por ter passado da confortável situação de quem não faz nada em casa à de quem se vê obrigada a ocupar-se de tarefas tão desinteressantes e aborrecidas, como aspirar a sala, tirar a loiça da máquina, pendurar roupa.

— A culpa é minha — concluía. — Habituei-a mal, agora tenho de a aturar. Mas isto vai ao sítio.

Como queria evitar discussões, sobretudo quando o pai estava em casa, revestia-se de paciência, fazia orelhas

moucas às reclamações, não raro fingia não reparar no que ficara por fazer, estranhando que mesmo assim o ambiente não melhorasse.

— Talvez seja da idade. Que idade tão parva!

Poucos dias depois de ela e Valentim terem passado da fase de aproximação à de compromisso, resolvera contar ao pai, que se mostrou contente e sugeriu que o convidasse para jantar.

— Quero conhecê-lo, vê lá quando é que ele pode cá vir.

Quando Clotilde soube, ficou fula. Quando marcaram a data, declarou que não podia estar presente porque ia sair com uns amigos.

— Nem penses — dissera o pai. — Faço questão de que jantes connosco.

— Porquê?

— Um jantar a quatro torna-se mais descontraído do que um jantar a três. Se quiseres, sais depois com os teus amigos.

Raramente interferia nos programas das filhas, mas se o fizesse era para ser obedecido. Clotilde não teve, pois, outro remédio senão conformar-se. Decidida a ser antipática, só chegou a casa quando já estava tudo pronto. Acolheu Valentim com grande frieza, alegou dores de cabeça para se

manter carrancuda e limitar a participação nas conversas a monossílabos que em certos casos mais pareciam grunhidos. Nem o pai nem a irmã podiam adivinhar o motivo do seu mal-estar, e Valentim não lhe prestou atenção.

Se o problema familiar não se agravou nem se eternizou, foi devido à ação de um agente externo.

Capítulo 10



Uma festa no Tejo

Rafael andava desaparecido por estar atrapalhado com o estudo para os testes. Mas Clotilde ficara-lhe atravessada e, logo que se libertou, foi procurá-la. Encontrou-a macambúzia e, por muito que se esforçasse, não conseguiu que lhe dissesse o que a atormentava.

Tudo se esclareceu por ocasião de uma visita surpresa em que deparou com Valentim e Mafalda.

«Então é isso», pensou. «Falo ou não no assunto? Talvez seja melhor não falar, porque se ela quisesse já me tinha dito qualquer coisa. Prefere calar-se, calo-me também e não desisto.»

Continuou, pois, a telefonar-lhe a mandar mensagens divertidas, a visitá-la sem perder a esperança de que se curasse da «mania valentínica».

Por sorte surgiu a oportunidade de lhe propor um programa especial, diferente, irrecusável.

- Um amigo vai dar uma festa a bordo de um daqueles barcos que fazem minicruzeiros no Tejo. Pedi para te levar, ele disse que sim, por isso tens de ir, vai ser fantástico!

A reação não correspondeu ao que ele esperava, em todo o caso, mesmo sem mostrar grande interesse, aceitou e correu bem. Aliás, dadas as circunstâncias, só podia correr bem.

Tarde soberba, a promessa de um pôr-do-sol esplendoroso, grupo simpático, música ótima, comes e bebes de primeira. A sombra que escurecia os lindos olhos azuis de Clotilde foi-se desvanecendo, e como os espampanantes cabelos loiros se tornaram rapidamente num dos centros de atenção, pouco depois de zarparem já se mostrava mais bem-disposta.

Navegar entre as duas margens quase sem sentir a ondulação porque as águas corriam mansas, não podia ser mais inspirador. Toda a gente conversava e ria, alguns namoravam, outros dançavam, aproveitando aquela festa invulgar

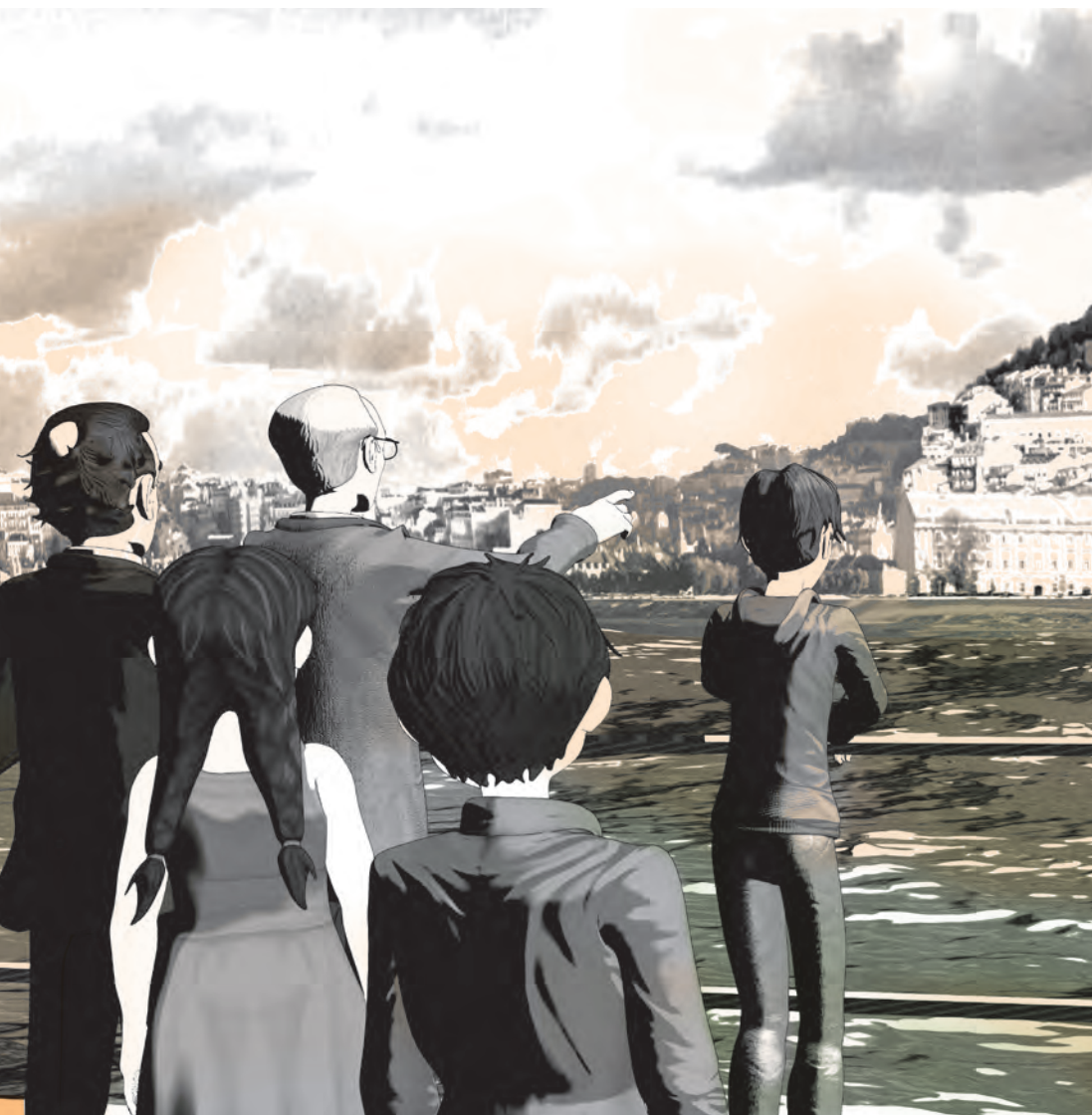
a que tinham tido direito por serem amigos de um rapaz com ideias originais e possibilidade de as pôr em prática.

Clotilde sentiu-se apreciada e admirada, o que lhe soube muito bem e contribuiu para que uma primeira camada de fúria se derretesse como manteiga.

Tinham embarcado em Belém, quando se aproximaram do Terreiro do Paço as conversas cessaram por alguns minutos e o grupo debruçou-se a admirar a magnífica praça que abre os braços ao Tejo e deslumbra os visitantes. A beleza extrema da cidade desencadeou uma onda de sentimentos fortes e positivos, de emoções, de inevitáveis e muito agradáveis aproximações entre pares existentes e entre pares que passaram a existir. Rafael abraçou Clotilde, desta vez acariciando-lhe longamente os ombros antes de a apertar contra si.

- Estás a gostar da festa?
- Da festa ou das festas que me fazes?
- Como preferires.
- Estou a adorar tudo.

Aquele passeio significaria para ambos a passagem a uma nova etapa. Mas a limpeza total das mágoas que afligiam Clotilde só ficou concluída quando, alguns dias depois, Rafael lhe apareceu a anunciar que se inscrevera





como voluntário para trabalhar na Jornada da Juventude e esperava ser aceite, porque podia prestar bons serviços.

— O curso de enfermagem é um ótimo cartão de visita. Ainda não sou enfermeiro, mas sei prestar primeiros socorros e estou apto a encaminhar para o sítio certo quem precise de cuidados. Portanto acho que me aceitam, não sei é para que tarefa porque há tantas tarefas possíveis!

— Quais?

— Posso integrar a equipa encarregada de ir aos restaurantes que querem fornecer refeições para ver se são de confiança. Ou acolher peregrinos estrangeiros, orientá-los, tirar dúvidas, dar informações, o que deve ser giríssimo porque vem malta de todo o mundo. A maior parte fala inglês, mas há de certeza quem só arranha e precisa de apoio na mesma. Já me estou a ver a falar por gestos a um coreano atarantado, a duas romenas giras, a três ruandesas lindas de morrer — rematou na brincadeira.

O que dizia fez soar campainhas na cabeça de Clotilde.

— Se calhar eu também podia inscrever-me. Falo lindamente inglês e francês e, como todos os portugueses, consigo comunicar em espanhol. Apoiar peregrinos agradava-me. Achas que me aceitam?

- Tenta e logo vês. De qualquer forma, se resolveres participar, podes sempre ajudar as pessoas mesmo que não estejas de serviço.
- Lá isso é verdade. Vou-me inscrever.

A decisão alterou profundamente o estado de espírito de Clotilde, como aliás é habitual nestas questões de amores desencontrados. Se a pessoa se fixa obsessivamente na paixão por alguém que não lhe corresponde, a amargura intensifica-se e envenena a existência.

Mas se a pessoa em vez de se massacrar, decide ir em frente e dedicar-se a projetos estimulantes, que abram perspectivas e obriguem a entrar em ação, o desgosto vai-se desvanecendo, um dia descobre que desapareceu por completo e até chega a estranhar o tempo perdido com lágrimas e lamentações.

Fazer planos regenera a alma. Lutar para os pôr em prática devolve energia. Não tardou que Clotilde se sentisse outra e parecesse outra para grande alívio da irmã e do pai, que nem sequer tinham percebido quais os motivos da sua má-disposição permanente. Rafael então exultava. Saíam juntos quase todos os dias, conversavam horas ao telefone, aproximavam-se cada vez mais, só faltava darem o grande salto em frente.

Capítulo 11



Amor ou amizade?

Paula acompanhara todo o processo, congratulando-se por ver a amiga libertar-se de um desgosto de amor que considerava irrealista. Várias vezes lhe tinha dito:

- Tu não gostas do Valentim. Achaste-lhe graça, resolveste que estavas apaixonada e agarraste-te à ideia dessa paixão com unhas e dentes, o que é um disparate.
- Estás enganada — retorquia Clotilde. — Eu sei muito bem o que sinto.
- Desculpa lá, mas eu também sei porque te conheço há muito tempo, já te vi perder a cabeça outras vezes e depois reconheceres que tudo não passou de um sonho, de uma fantasia.





Quando a amiga lhe comunicou em lágrimas que Valentim se interessara pela Mafalda e que ela retribuía, Paula engolira em seco antes de responder porque tinha medo de a magoar, mas acabou por encontrar as palavras certas para lhe dizer a verdade.

- Pelo que me disseste do Valentim e pelo que conheço da tua irmã, é óbvio que ele tem muito mais afinidades com ela do que contigo. Compreendo que isto te esteja a baralhar porque ainda não o varreste totalmente da tua cabeça, mas para falar com franqueza acho que deves afastar-te. A tua irmã tem tido uma vida difícil, sem amigos, sem programas, sem namoros. Se agora se interessou por alguém deixa-a em paz, sai de cena.
- Pensei nisso, mas não é fácil.
- Será mais fácil se tu quiseres realmente cortar as amarras. E a melhor maneira é olhar em volta porque como já te disse e repito: há muito peixe no mar. Fiska o primeiro que te agrada, nem que seja para desanuviars. De preferência, alguém que também queira apenas dar umas voltas. Faz o que te digo e vais ver que arrebitas.

Quando, pouco tempo depois, Clotilde lhe falou do Rafael, julgou que por uma vez tinha valido a pena acon-

selhá-la, mas como ela se declarou perdida de amores e pronta a iniciar uma relação, desanimou.

- Não tens emenda! Calma! Deixa andar a ver se dá.
- Se eu seguir os teus conselhos à risca, nunca fico com ninguém.
- Claro que ficas, mas dá tempo ao tempo sem te envolveres excessivamente. Aproveita a fase em que estão que é ótimo. Vê se se entendem, conheçam-se melhor. Calma! — repetia uma e outra vez.

Clotilde acabara por reconhecer que a amiga tinha razão, moderara os ímpetos, descobrira os encantos do pré-namoro e andava radiante. Rafael, impaciente, queixava-se ao Tomás.

- Ainda não percebi se andamos um com o outro, ou se para ela somos só amigos.
- Deixa-te de tretas. Não é a primeira vez que te ligas a uma rapariga, sabes perfeitamente se há faíscas no ar ou se é só amizade.
- Às vezes, amor e amizade confundem-se.
- Que ideia, Rafael! Só te confundes se quiseres ou se te der jeito.

Discutiam o assunto pela enésima vez sentados na sala, a beber café de janela aberta sobre o jardim. O ruído de

passos lá fora fê-los virar a cabeça para a porta, logo a seguir alguém tocou à campainha, Rafael foi abrir, era a Genoveva.

— Olá, olá! Posso entrar?

— Com certeza.

Ela avançou até meio da sala no seu passo elástico e ficou em pé. Muito magra, de calças pretas, camisola preta, cara lavada e cabelo branco fez surgir na mente do Tomás a imagem de um candeeiro falante. Imagem que depressa apagou por lhe parecer indelicada para com a sua simpática senhoria.

— Não quer sentar-se?

— Não, não. O que me traz aqui é rápido. Estou a organizar um churrasco para o próximo sábado, aqui no jardim.

— Se precisar de ajuda é só dizer.

— Não tinha pensado nisso, mas se quiserem dar uma mãozinha e montar mesas e guarda-sóis agradeço porque vem bastante gente. Se vocês estiverem livres, gostava que participassem. Vim aqui ao anexo para os convidar.

— Obrigadíssimo.

— Conto convosco?

— Sim, sim.

Ela olhou o teto, estalou os dedos e acrescentou.

- Como não conhecem ninguém tragam dois ou três amigos para se integrarem mais facilmente.
- Obrigadíssimo — repetiram encantados.
- Amanhã combinamos pormenores porque agora estou com pressa.

Acenou-lhes, deu meia-volta e saiu, deixando a flutuar atrás de si o aroma peculiar que sempre os intrigava.

- Perfume ou sabonete artesanal?
- Nada disso. E acho que descobri. Cá por mim, cheira a candeeiro de design ultramoderno.
- Hã?

Capítulo 12



Um desfecho emocionante

Ao contrário do que seria de esperar, as mesas espalhadas pelo jardim, com toalhas coloridas e cadeiras à volta, em vez de o tornarem mais acanhado, faziam-no parecer maior do que era. E os guarda-sóis, como símbolos de verão e diversão, tornavam-no ainda mais convidativo. Geneveva pedira-lhes que pendurassem uma rede entre duas árvores explicando que a trouxera do Brasil, nunca a tinha usado e queria finalmente estreá-la.

— É gira, não é? Com estas franjas, vai pôr um toque exótico ao meu churrasco.

«Há pessoas que realmente não envelhecem», pensou o Tomás, e disse-o em voz alta quando ela se afastou. «Está

entusiasmadíssima com a festa que lhe vai dar uma trabalhadeira medonha.»

— Por que não te deixas contagiar pela sua alegria?

Tomás encolheu os ombros e manteve a expressão fechada.

— Tens que reagir — insistiu Rafael. — Seja qual for o problema, tens que reagir.

— O problema é o mesmo. Não sei se continue ou se desista do curso.

— Já escolheste outro?

— Não.

— Nesse caso não desistas porque abandonar um percurso a meio sem saber que rumo seguir é sempre uma estupidez. Mesmo que acabes por descobrir que queres realmente outra profissão, o facto de completares o primeiro ano de enfermagem não te prejudica em nada.

— Sei lá se completo. O mais certo é chumbar pelo menos a uma cadeira.

— Não antecipes tragédias e passa essa corda para acabarmos de pendurar a rede.

Os troncos escolhidos não eram muito grossos, mas eram sólidos. A rede, folclórica e atrevida, ficou a balançar ao de leve como se quisesse tentá-los a experimentá-la.

Tomás enfiou-se lá dentro.

— É confortável!

— Será, mas trata de sair daí que temos mais que fazer.

Genoveva assomou à porta da cozinha e pediu-lhes ajuda para transportar a bancada onde havia de pôr os doces.

— Pesa bastante.

— Não se preocupe, diga onde a quer e nós levamos.

O local escolhido foi a sombra da árvore frondosa que eles viam da janela do anexo.

Para lá chegar ambos suaram um bocado devido ao tampo de pedra que era pesadíssimo e os obrigou a fazer duas pausas pelo caminho. Quando finalmente arrumaram a bancada, respiraram de alívio e deixaram-se ficar uns minutos à sombra.

— É verdade, Tomás, quem é que convidaste para o churrasco?

— Ninguém.

— Porquê?

— Porque não me apeteceu e porque nem sei se fico por aí muito tempo. Pisgo-me para o meu quarto e como as visitas da Genoveva não me conhecem, não dão pela minha falta.

Rafael optou por não fazer comentários.

- Eu convidei a Clotilde.
- Ai sim? Nunca pensei — disse o outro no gozo. — E o Valentim? Convidaste?
- Não, mas lembras bem. Tinha deixado duas vagas para tu trazeres quem quisesse, como continuam livres, desafio o Valentim e a irmã da Clotilde que anda com ele.
- A sério? Não me tinhas dito.
- Não calhou. Aquilo lá em casa deu uma grande volta e estamos os quatro na maior.
- Tens a certeza?
- Tenho. Se vierem os três ao almoço vais ver que não minto.

*

O almoço estava marcado para a uma e meia da tarde, mas os primeiros convivas apareceram muito antes, o que nunca dá jeito aos donos da casa. Genoveva, porém, não tirou o avental e até pediu a uma das amigas que lhe fosse dar uma ajuda na cozinha. O que levou as outras a irem atrás.

O jardim depressa se encheu de risos, conversas e dos inevitáveis gritos de crianças que desfrutavam o único baloiço ou se balançavam na rede de onde não queriam sair para dar a vez a outros.

Valentim e Mafalda tinham gostado da ideia de acompanharem Clotilde e, tal como o Rafael desejara, apareceram os três. Se Tomás não deu atenção às vibrações que envolviam o trio foi por ter tido a mais inesperada das surpresas: um dos grupos mais barulhentos que entrou no jardim, incluía uma das professoras do curso de enfermagem que mais admirava, a que mais temia, a que estava na origem da sua tormenta, porque era competente, fria e muito exigente. Ora ele, que sempre fora um aluno brilhante no secundário, passara a sentir-se inseguro desde que entrara na Faculdade e particularmente inseguro diante da professora Tânia, que gozava de enorme prestígio e se mantinha muito distante em relação aos alunos.

— Nunca lhe ouvimos uma palavra fora das estritamente necessárias para nos dar aulas — queixara-se várias vezes ao Rafael e a outros colegas. — É impossível saber ou adivinhar o que pensa de nós ou do nosso trabalho.

Todos concordavam, mas talvez não se importassem tanto. A ele, aquela atitude gélida, impassível, desnorteava-o e fazia-lhe perder a autoconfiança.

Para seu grande espanto, ali, em família, parecia outra pessoa. Vê-la rir, abraçar os primos, fazer festas às crianças e até pegar na mais pequenina ao colo, deixou-o abismado.





— É incrível! Incrível!

Mas o melhor estava para vir. Quando depois de a ter observado de longe, ousou aproximar-se e ficaram lado a lado a servir-se de carne grelhada, ela reconheceu-o e falou-lhe com naturalidade.

— Por aqui, Tomás?

Os olhos sorriam, os lábios também e permaneceu em suspenso à espera de que ele explicasse os motivos da sua presença. Como ele ficou atarantado, deu-lhe uma deixa:

— Você é amigo de algum sobrinho de Genoveva?

— Não, sou inquilino. Aluguei o anexo da casa a meias com o Rafael.

— Que sorte que vocês tiveram!

— Sim, foi uma sorte.

Tinha-o encarado de frente, bem mais descontraída do que era habitual. Depois fez menção de se afastar e o espanto de Tomás redobrou quando se virou para trás e lhe perguntou:

— Já tem mesa?

— Não.

— Se quiser, sente-se ali connosco, que há um lugar vazio.

Por um instante hesitou, mas não resistiu a segui-la. A iniciativa fora dela, não aceitar seria indelicado e,

aceitando, talvez se quebrasse o gelo. E quebrou, apesar do embaraço que sofreu, quebrou! Tânia não abandonara por completo a postura que lhe conhecia, nem voltou a interpelá-lo diretamente, mas de facto em família era outra pessoa e apresentou-o nuns termos inesperados. Termos que ele não se teria nunca atrevido sequer a sonhar.

— O Tomás é meu aluno, e um ótimo aluno! Vocês vão ouvir falar dele como enfermeiro daqui a uns anos.

Petrificado, tentara esboçar um sorriso, mas só conseguiu franzir-se num esgar de atrapalhão. Felizmente só um parceiro de mesa lhe pegou na palavra.

— Parabéns, Tomás! Olhe que a Tânia nunca faz elogios! Ela atalhou com um gracejo:

— Este almoço está divinal e se isto não é um elogio não sei o que será.

Os outros riram e a conversa prosseguiu, focada nos temas inesgotáveis que são a comida e as preferências de cada um.

Tomás não disse mais nada e aplicou-se a devorar o que tinha no prato, saboreando em simultâneo os alimentos e o elogio que lhe retirara um peso de cima, lhe devolvera a confiança e até, talvez, o interesse pelo curso.

— Se sou um ótimo aluno e uma professora como a Tânia acha que ainda hão de falar de mim, é melhor não desistir já da enfermagem. Faço os exames e depois logo se vê.

A animação estava ao rubro quando irrompeu pelo jardim um rapaz que toda a gente recebeu de braços abertos e com manifestações ruidosas de alegria.

— João Pedro!

— Que bom!

— Ainda bem que pudeste aparecer!

Ele precipitou-se para a dona da casa e abraçou-a longamente.

— Tia Genoveva! Eu só não vinha se fosse de todo impossível. Tinha tantas saudades suas e do resto da malta!

Chamavam-no de todas as mesas e ele lá foi distribuindo abraços, beijos, pancadas nas costas. Valentim seguiu-lhe os movimentos, à espera de que terminasse as efusões familiares para ir ao seu encontro. Quando percebeu que era oportuno, levantou-se. João Pedro ficou admirado por deparar com ele em casa da tia, mas antes de fazer perguntas deu largas à satisfação, porque, sendo amigos de longa data, não se viam há imenso tempo.

Valentim arrastou-o para a sua mesa, onde por acaso mais ninguém o conhecia.

«A cara dele não me é estranha», pensou o Rafael. «Tenho a impressão de que nos cruzámos uma vez aqui à porta da Genoveva.»

— Senta-te connosco — exigiu o Valentim —, apertamo-nos e vou buscar uma cadeira.

O que aconteceu a seguir foi o que geralmente acontece quando um elemento exterior se junta a um grupo já formado: as conversas cessaram e tornou-se difícil reativá-las. Num primeiro momento o diálogo estabeleceu-se apenas entre os dois amigos, mas a situação veio a alterar-se com uma pergunta banal.

— Diz-me lá em que te ocupas agora, Valentim.

Quando ele explicou que estava a trabalhar para a Jornada Mundial da Juventude de Lisboa, a cara de João Pedro iluminou-se e então desatou a falar sem deixar margem a que mais ninguém abrisse a boca.

— Ah, as Jornadas, isso é sempre uma experiência inescrutável.

— Já participaste em alguma?

— Sim, estive na de Madrid e foi tudo extraordinário.

— Foi muita gente, não foi?

— Compareceram mais de dois milhões de pessoas! E o que é espantoso é que não houve nenhum atropelo,

nenhum choque, nenhum conflito. Durante todo o tempo, circulámos na maior das calmas, prontos a fazer amizades e sentimo-nos tão felizes, tão em paz! Ainda hoje comunico por e-mail com coreanos e sul-americanos que conheci na Jornada. Havia gente de todo o mundo, o ambiente não podia ser mais pacífico, mais caloroso, mais inspirador. E no fim houve um momento realmente inesquecível.

O entusiasmo de João Pedro era tanto que não conseguiu continuar sentado e levantou-se. De pé e a falar cada vez mais alto, tornou-se o centro das atenções.

As pessoas das outras mesas escutavam-no fascinados com o que dizia e deslumbradas com a presença dele, pois, assim arrebatado, tornava evidente que além de uma bela figura, possuía uma força anímica invulgar.

«De facto a Paula tem razão», pensou a Clotilde. «Há muito peixe no mar. Talvez até demasiado, o que não facilita nada as escolhas! Este tipo dá a volta ao miolo a qualquer uma.»

João Pedro continuava a descrever o que vivera sem perder a embalagem.

— Inesquecível — repetiu —, assombroso. Mas o que deixou marcas em mim e em toda a gente, para sempre, foi

o final que vivemos num aeroporto que não fica longe de Madrid e está desativado, o aeroporto Quatro Ventos. Foi ali que decorreram as últimas cerimónias presididas pelo Papa. Ninguém quis faltar. Dois milhões de pessoas, já pensaram? Uma multidão e a morrer de calor porque a temperatura era sufocante. De súbito o céu cobriu-se de nuvens negras e rebentou uma tempestade de verão como eu nunca tinha visto. Ribombavam trovões, numa fúria estrondosa, os raios sucediam-se a um ritmo louco, a atmosfera ficou roxa, com uma faixa avermelhada na linha do horizonte e desatou a chover a cântaros. Ficámos ensopados até aos ossos, mas ninguém arredou pé, nem o Papa, que os acompanhantes bem se esforçavam para que saísse dali. Nem o coro, que largou a cantar o *Glória*. Os microfones ampliaram a música e as vozes. A natureza fez o favor de ampliar o ruído dos trovões e o fragor da chuva grossa e quente, que parecia não ter fim. A emoção arrebatou-nos, estonteou-nos, ficámos todos em êxtase. Houve quem desatasse a chorar, mas de alegria, uma alegria estranha, batida pelo vento, ou pelos quatro ventos que dão nome ao aeroporto! Não dá para contar, foi forte demais! Por muito que eu diga, não chega, não há palavras!

O relato emudecera a assistência. Não andaria longe da verdade quem pensasse que todos gostariam de ter assistido ao fenómeno meteorológico súbito e violento que se abatera sobre Madrid. E muitos ficaram a desejar que na Jornada de Lisboa sucedesse algo que mais tarde pudessem recordar, de forma igualmente emotiva e intensa.

Quem deu voz ao pensamento coletivo foi Genoveva.

- Eu tinha decidido sair de Lisboa por ocasião da Jornada para evitar a confusão na cidade. Mas agora, que ouvi o João Pedro, mudei de ideias. Já não sou jovem, mas suponho que não travam o passo a ninguém e quero assistir ao que puder.

Virando-se para o João Pedro, perguntou:

- Posso assistir, não posso?

Quem lhe respondeu foi o Valentim.

- As cerimónias são públicas, pode assistir à vontade. E até pode ajudar.
- Como?
- Tem uma casa grande, se quiser inscreva-se para acolher peregrinos. Digo-lhe desde já que não precisa de ter receios, porque nas Jornadas anteriores as pessoas que abriram a porta não tiveram razão de queixa dos hóspedes, correu tudo bem.

— Vou pensar nisso. Por agora, que tal irmos às sobremesas?

Sem saberem ao certo porquê, nem de quem fora a iniciativa, saudaram a proposta com uma salva de palmas. Festejavam a abundância de doces ou estariam a aplaudir o João Pedro pelo sugestivo relato que acabava de fazer? Ou a natureza por ter brindado os peregrinos do aeroporto Quatro Ventos com uma verdadeira tempestade de verão? Fosse lá o que fosse que aplaudissem, as palmas prolongaram-se e a todos soaram como chuva benfazeja¹.

1 A tempestade de verão que se abateu sobre Madrid, por ocasião da JMJ 2011, não é fruto da nossa imaginação. Foi-nos relatada em pormenor por dois peregrinos portugueses que estiveram presentes e há imagens do momento vivido no aeroporto Quatro Ventos ainda disponíveis na Internet.

AS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE

ANTECEDENTES

Em 1984 o Papa João Paulo II promoveu uma grande reunião de jovens católicos em Roma no dia 15 de abril, domingo de Ramos. Esperava-se que comparecessem cerca de 60 000 pessoas, mas o número de participantes ultrapassou e muito as previsões, pois compareceram 250 000.

A experiência positiva levou o Papa a querer que se repetisse o encontro no ano seguinte, de novo em Roma, e acorreram 300 000 jovens.

O êxito da iniciativa certamente contribuiu para que o Papa criasse a Jornada Mundial da Juventude, que passaria a realizar-se com regularidade, em diferentes cidades do mundo, para os participantes aprofundarem a fé e conhecerem melhor os princípios da doutrina da Igreja Católica. Mas o encontro seria aberto a participantes católicos e não católicos, a fim de incentivar o conhecimento e a troca de ideias entre jovens de culturas diferentes, o que os ajudaria a construir pontes de amizade e tolerância indispensáveis à paz universal.



1985



1987



1989



1991



1993



1995



1997



2000



2002



2005



2008



2011



2013



2016



2019

A décima sexta Jornada foi marcada para os primeiros dias de agosto de 2023. Realiza-se na cidade de Lisboa, onde jovens de todo o mundo têm oportunidade de ir ao encontro do Papa Francisco.

JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE JÁ REALIZADAS

DATA	CIDADE	PAÍS	PARTICIPANTES	PAPA
1986	Roma	Itália	300 mil	
1987	Buenos Aires	Argentina	900 mil	
1989	Santiago de Compostela	Espanha	600 mil	
1991	Czestochowa	Polónia	1,5 milhão	
1993	Denver	EUA	+ de 500 mil	João Paulo II
1995	Manila	Filipinas	4 milhões	
1997	Paris	França	+ de 500 mil	
2000	Roma	Itália	+ de 2 milhões	
2002	Toronto	Canadá	+ de 400 mil	
2005	Colónia	Alemanha	1 milhão	
2008	Sidney	Austrália	+ de 500 mil	Bento XVI
2011	Madrid	Espanha	2 milhões	
2013	Rio de Janeiro	Brasil	+ de 3 milhões	
2016	Cracóvia	Polónia	+ de 1,5 milhão	Francisco
2019	Cidade do Panamá	Panamá	400 mil	

Fonte: Vaticano (www.vatican.va | *Il cammino delle giornate mondiali della gioventù*)

OS SEGUROS

Todas as organizações que realizam eventos públicos têm que celebrar vários tipos de seguros que protejam os participantes, os voluntários, os funcionários contratados, os artistas e outros convidados a atuar.

Além dos seguros que são obrigatórios por lei, para um evento como o JMJ Lisboa 2023, em que se prevê a participação de mais de um milhão de pessoas, é indispensável prever os riscos e celebrar outros contratos de seguro, que possam cobrir despesas com doenças, acidentes, imprevistos.

A atividade seguradora disponibiliza várias modalidades de contrato para grandes eventos. Em geral, a experiência acumulada ao longo dos anos permite que os atuários, ou seja, os especialistas em determinar os riscos associados a uma determinada atividade e o montante das compensações a pagar caso se verifiquem acidentes ou perdas, possam calcular o valor do prémio a pagar pelos segurados.

Um dos fatores mais importantes a considerar é o número de participantes. Se o evento se realiza, por exemplo, num espaço fechado, ou mesmo num estádio com lugares marcados, sabe-se exatamente qual é o número máximo de pessoas envolvidas. Mas se se realiza num espaço aberto e de acesso livre, torna-se mais difícil fazer o cálculo.

No entanto, caso se trate, por exemplo, de um concerto, a dificuldade atenua-se se tiver havido anteriormente outros concertos no mesmo lugar e com os mesmos artistas, pois o número de participantes provavelmente será idêntico.

No caso da JMJ Lisboa 2023, pelo contrário, a dificuldade aumenta, pois, embora esteja prevista a presença de mais de um milhão de pessoas, só se saberá quantas ao certo vieram depois de o evento ter terminado. Ainda assim, os contratos de Seguro são indispensáveis, uns porque a lei obriga, outros por prudência.

OS SEGUROS DOS GRANDES EVENTOS

- **Seguro de Responsabilidade Civil**

Este seguro, obrigatório por lei para todas as organizações que realizem eventos, cobre perdas e danos sofridos por todas as pessoas presentes quer sejam funcionários contratados, voluntários, artistas, outros convidados a atuar, ou participantes.

Cobre também casos de intoxicação alimentar se for causada por alimentos ou bebidas fornecidas pela organização. E danos resultantes da montagem, desmontagem ou colapso de palcos ou de outras estruturas amovíveis.

- **Seguro de Voluntários**

Este seguro é obrigatório para despesas decorrentes de acidentes e de doenças contraídas no exercício de funções relacionadas com o evento.

- **Seguro de Acidentes de Trabalho**

Este seguro é obrigatório, cobre os acidentes que possam suceder aos funcionários, no exercício das suas funções.

- **Seguro de Responsabilidade Civil Automóvel**

Se houver veículos ao serviço da organização é obrigatório fazer um seguro de responsabilidade civil automóvel para cobrir danos causados a terceiros.

- **Seguro Multirrisco**

Um outro seguro que se pode celebrar por prudência é o seguro multirrisco, que cobre possíveis danos a imóveis, por exemplo no próprio edifício onde se realiza o evento, ou danos a bens móveis utilizados no decurso das atividades, resultantes, por exemplo, de incêndios, inundações ou mesmo devido a furtos ou roubos.

O APOIO DAS SEGURADORAS À JMJ LISBOA 2023

O valor dos diferentes seguros indispensáveis a uma realização da envergadura da JMJ Lisboa 2023 seria sempre muito elevado. Algumas empresas de seguros presentes no mercado português apoiaram de forma muito expressiva a cobertura de riscos associados à organização e realização do evento, seja através da oferta de seguros, seja através de vários donativos.

Preparar qualquer grande evento, como é o caso da Jornada Mundial da Juventude - Lisboa 2023, exige planeamento, organização, criatividade e muito trabalho. Mas estes megaeventos envolvem também muitos riscos que é preciso saber identificar, prevenir e acautelar. Nesta história, as personagens principais são um grupo de rapazes e raparigas de sensibilidades e convicções muito diferentes que se envolvem como voluntários nos preparativos da Jornada. A experiência revela-se muito rica. Não só fazem novos amigos e encontram novos amores, como descobrem novas ideias e aprofundam o conhecimento de si próprios.

